

Morto nas ruas pelo serviço secreto

Negociador de paz

ucraniano é fuzilado

pelo governo de Kiev

HORA DO POVO
ANO XXXII - Nº 3.846 9 a 15 de Março de 2022

RholaMagazine



Denins Kireev na mesa da primeira negociação de paz

Quem não se submete ao fascismo é caçado como "espião russo"

O ex-banqueiro Denis Kireev, que fez parte da delegação de Kiev à primeira reunião Rússia-Ucrânia, foi executado em uma incursão dos serviços secretos ucranianos. Informações do jornal Ukrayinska Pravda, diziam que os agentes do serviço secreto ucraniano (SBU) tinham evidências "claras" de

alta traição e grampearam o telefone dele. "Alta traição" e "espião russo" é como são tratados por Kiev todos os que não se submetem ao fascismo. A Federação Mundial das Juventudes Democráticas soltou um alerta pelo desaparecimento em Kiev dos irmãos Kononovich, membros da Juventude Comunista Ucraniana. Pág. 7



Pedro França - A.Senado



Randolfe aciona STF para impedir troca da diretoria que investiga Bolsonaro na PF

O senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP) pediu, na quinta-feira (3), ao STF que proíba o novo diretor-geral da Polícia Federal, Márcio Nunes, de trocar delegados responsáveis por diretorias estratégicas até a conclusão dos inquéritos já iniciados contra autoridades com foro privilegiado. Pág. 3

China repudia sanções ilegais dos EUA e UE contra Rússia

A China condenou as sanções ilegais unilaterais movidas pelos Estados Unidos e a União Europeia contra a Rússia e reafirmou que continuará a desenvolver normalmente a cooperação financeira com Moscou. Pág. 6

Para Oreiro, resultado do PIB não muda cenário negativo para 2022



O Produto Interno Bruto (PIB) de 2021 "não foi um crescimento, foi uma recuperação cíclica do choque que a economia brasileira sofreu em 2020 e, ademais, uma recuperação de baixa qualidade, porque continua o processo de desindustrialização da economia brasileira", avaliou o economista e professor do Departamento de Economia da UnB, José Luis Oreiro, em entrevista ao HP. Para Oreiro, é "bastante provável que a economia brasileira tenha um crescimento negativo ao longo do ano de 2022". Pág. 2

Guedes anuncia isenção de IR a estrangeiros

O ministro da Economia de Bolsonaro, Paulo Guedes, prometeu isenção de imposto de renda para "investidores" estrangeiros, durante eventos com banqueiros em Nova Iorque e Miami, no feriado de Carnaval. Os estrangeiros já desfrutavam das isenções sobre os lucros sobre aplicações em bolsa de valores e em títulos da dívida pública, o que não acontece com os brasileiros. P. 2

CIMI: Bolsonaro usa pretexto do fertilizante para hostilizar índios

Em documento divulgado na sexta-feira (4), o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) denunciou Bolsonaro por usar o conflito entre Ucrânia e Rússia para avançar em sua guerra no Brasil contra os direitos dos povos indígenas. Desta vez, Bolsonaro usa como pretexto a liberação da exploração de potássio nos territórios do povo indígena Mura, na região do Baixo Rio Madeira, próximo ao encontro com o Amazonas. Pág. 4

Ucrânia é único país que tem batalhão neonazista assumido

Como denunciou o autor Lev Golinkin, nas páginas da revista norte-americana The Nation, "a Ucrânia pós-Maidan é a única nação do mundo a ter uma formação neonazista [abertamente] em

suas forças armadas". O Batalhão de Azov – o mais notório agrupamento de neonazistas que opera sob chancela governamental - mas não o único - foi oficialmente constituído em 5 de maio de 2014, portanto

três dias depois do massacre de 42 antifascistas em Odessa, queimados vivos. Também, poucos dias após o 'führer' do Setor Direita, Dmytro Yarosh, ter anunciado que as turbas fascistas estavam "cruzando

o Dniepr". Na foto, o Batalhão Azov recepcionando os 'parças' da OTAN, com uma enorme bandeira nazista, o estandarte da OTAN e outro do batalhão com o símbolo nazista local em azul-amarelo. Pág. 6

I REAL BRASIL
Nas bancas toda quarta e sexta-feira

Adilson: É preciso revogar a reforma trabalhista

José Oreiro: resultado do PIB não muda cenário negativo para 2022



Previsões para este ano já eram muito baixas, resalta o economista

Guedes promete a especuladores nos EUA tornar o Brasil um paraíso fiscal

Ministro de Bolsonaro anunciou liberação geral de isenção de IR para "investidores" estrangeiros

Paulo Guedes, ministro da Economia de Bolsonaro, prometeu isenção de imposto de renda para "investidores" estrangeiros durante eventos com banqueiros em Nova Iorque e Miami no feriado de Carnaval, além de reunir-se com representantes da XP e do JP Morgan.

Os estrangeiros já desfrutam das isenções sobre os lucros sobre aplicações em bolsa de valores e em títulos da dívida pública, o que não acontece com os cidadãos brasileiros.

Pela legislação atual, os estrangeiros pagam uma alíquota de 15% sobre os lucros em títulos emitidos por empresas. Os estrangeiros são isentos do imposto para compra de ações de empresas, por exemplo, de uma estatal como a Petrobrás, neste caso, além de não pagar impostos levam para fora do país bilhões em dividendos.

Mas Guedes quer facilitar ainda mais a vida dos especuladores estrangeiros, afinal, essa é sua especialidade. Não é à toa que mantém uma empresa num paraíso fiscal, nas Ilhas Virgens Britânicas, com valores de aproximadamente de R\$ 50 milhões.

Para George Alex Souza, presidente do Sindifisco Nacional de Brasília, "o ministro conhece bem os cami-



Ministro que tem 50 milhões escondido nas Ilhas Virgens Britânicas só pensa em ajudar banqueiros e rentistas

nhos". "Falar em isonomia é uma tremenda falácia. Isonomia tributária deveria haver entre residentes e não residentes. No Brasil, não residentes são isentos de imposto de renda sobre aplicação em títulos públicos, via Tesouro Direto. Os cidadãos brasileiros todos pagam", denunciou.

Já os trabalhadores e aposentados, além de estarem com os salários arrojados, continuam pagando mais imposto, em razão da não correção das faixas salariais da tabela do Imposto de Renda. A correção foi uma promessa de campanha de Bolsonaro em 2018. Pela tabela atual,

"Não foi um crescimento, foi uma recuperação cíclica do choque que a economia brasileira sofreu em 2020", avaliou o economista da UnB

O Produto Interno Bruto (PIB) de 2021 "não foi um crescimento, foi uma recuperação cíclica do choque que a economia brasileira sofreu em 2020 e, ademais, uma recuperação de baixa qualidade, porque continua o processo de desindustrialização da economia brasileira", avaliou o economista e professor do Departamento de Economia da UnB, José Luis Oreiro, em entrevista ao HP.

"As perspectivas de crescimento para 2022, que já eram muito baixas antes da guerra da Ucrânia, agora ficam ainda piores, e sendo bastante provável que a economia brasileira tenha um crescimento negativo ao longo do ano de 2022", afirmou Oreiro.

HORA DO POVO - Qual a sua avaliação sobre o resultado do PIB de 2021?

JOSÉ LUIS OREIRO - A alta veio dentro do esperado, quer dizer, o boletim macro do Ibré/FGV, no dia 21 de fevereiro, já estava contando esse aumento de 4,6%, que era o que mais ou menos os economistas esperavam no final de 2021. Com esse número o Brasil recupera o tombo que a economia brasileira teve no ano de 2020, que foi de 3,9%, mas é importante ressaltar que o Brasil fechou o ano de 2021 com PIB inferior ao de 2013 - ou seja - a economia brasileira está há 9 anos estagnada. Por outro lado, em dois trimestres de 2021 o PIB caiu, ou seja, o Brasil teve uma recessão técnica em 2021. O que salvou o ano de 2021 foi o primeiro trimestre, que foi muito bom, e o quarto trimestre, que teve um crescimento de 0,5% com respeito ao terceiro trimestre de 2021. Quer dizer, se o PIB do quarto trimestre tivesse crescimento nulo ou negativo o resultado PIB não seria tão bom.

HP - E quais as expectativas para 2022?

OREIRO - Qual é a importância de se fazer essa ressalva? É que o fôlego de crescimento da economia brasileira foi

esfriando ao longo de 2021 e nós entramos no ano de 2022 com os indicadores de atividade econômica que no geral estão vindo abaixo do esperado. Na mesma publicação do dia 21 de fevereiro de 2022 do boletim macro da FGV, está previsto um crescimento para a economia brasileira ao longo de 2022 de 0,6%. Isso foi antes da crise na Ucrânia e todos os seus desdobramentos econômicos em termos de aumento do preço das commodities nos mercados internacionais, principalmente, trigo, milho, soja e petróleo, nós vamos observar ao longo do ano de 2022 uma manutenção das pressões inflacionárias, lembrando que o ano de 2021 terminou com o IPCA acumulado de 10,06%, ou seja, na casa dos dois dígitos. Havia a expectativa por parte do Banco Central que o IPCA acumulado em 12 meses começasse a cair a partir de abril deste ano - começasse a ficar abaixo de dois dígitos - mas com essa situação agora do preço das commodities nos mercados internacionais, eu acho isso pouco provável.

HP - Nesse cenário, como o sr. vê a situação da indústria nacional?

OREIRO - A indústria brasileira, quando a gente olha para o comportamento do PIB, ela fechou o ano com crescimento muito baixo, crescimento abaixo do crescimento do PIB. Ou seja, o ano de 2021 foi um ano de recuperação das perdas de 2020 e de continuidade do processo de desindustrialização da economia brasileira. Então, tudo isso mostra que não foi um crescimento, foi uma recuperação cíclica do choque que a economia brasileira sofreu em 2020, e ademais, uma recuperação de baixa qualidade, porque continua o processo de desindustrialização da economia brasileira. E, por fim, as perspectivas de crescimento para 2022, que já eram muito baixas antes da guerra da Ucrânia, agora ficam ainda piores, e sendo bastante provável que a economia brasileira tenha um crescimento negativo ao longo do ano de 2022.

ANTONIO ROSA

Quase metade das pequenas e médias empresas precisou demitir nos últimos dois anos

Quase metade (48%) das pequenas e médias empresas precisou demitir funcionários nos últimos 2 anos, segundo uma pesquisa do site de empregos Indeed.

O levantamento aponta também que 38% dos empresários não contrataram nenhum novo funcionário no último ano.

De acordo com o levantamento ainda, por conta da queda do faturamento, 43% dos entrevistados afirmam não ter o orçamento necessário para fazer as contratações de que precisam, e metade considera que está mais difícil contratar agora do que antes da pandemia justamente por conta de cortes no orçamento.

O Indeed - que é um monitor de busca de empregos criado nos EUA - entrevistou quase 800 empresários de pequenos e médios negócios no Brasil em fevereiro.

Os pequenos negócios foram empurrados ao relento pela política econômica do

governo Bolsonaro de favorecer as grandes empresas, que na sua maioria são estrangeiras.

Durante estes 2 anos de pandemia de Covid-19, a situação não se agravou mais para os pequenos negócios porque o Congresso Nacional, ao reagir às pressões sociais, trabalhou por programas de financiamento para micro e pequenas empresas, assim como o auxílio emergencial de R\$ 600 que atendeu também os microempreendedores.

No último ano, enquanto governo Bolsonaro esbanjava isenções fiscais e perdões de dívidas tributárias para igrejas e empresas de armas estrangeiras, por exemplo, as micro, pequenas empresas e os microempreendedores estavam sendo cobrados de dívidas de impostos em atraso, em meio à recessão, desemprego elevado, queda na renda, inflação acima dos dois dígitos e juros cobrados a níveis de agiotagem.

CNC: carestia e escalada dos juros deterioram orçamento das famílias

Número de famílias brasileiras com contas em atraso é o maior em 12 anos

O cenário de inflação, juros altos e renda em queda fez com que a inadimplência no Brasil atingisse, em fevereiro, o maior nível dos últimos 12 anos. O número de famílias com dívidas em atraso, o que caracteriza a inadimplência, atingiu 27% dos lares brasileiros no mês passado - percentual que cresceu em 0,6% ante janeiro e 2,5% em relação a fevereiro de 2021.

"A alta da inflação e dos juros têm deteriorado os orçamentos domésticos, culminando no acirramento dos indicadores de inadimplência, a qual vinha apontando tendência de alta desde o último trimestre do ano passado", destacou a CNC na apresentação dos dados da pesquisa.

Os dados foram apurados pela Pesquisa Nacional de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic) da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) e divulgadas nesta quinta-feira (3).

O presidente da entidade, José Roberto Tadros, voltou a citar a escalada dos juros - cuja

taxa básica foi elevada para "conter" a inflação - como elemento que ajudou a elevar a inadimplência ao atual patamar. "Escalada dos juros encarece o crédito e dificulta a renegociação das dívidas", ressaltou.

"O panorama mostra que, na margem, o custo do crédito mais elevado e o próprio endividamento alto entre as pessoas que vivem no mesmo domicílio dificultam a contratação de novas dívidas e o pagamento dos compromissos na data de seus vencimentos", declarou Tadros.

A inflação oficial do país atingiu 10,38% em janeiro de 2022, encurtando cada vez mais a renda dos trabalhadores ao mesmo tempo que os salários estão em queda e o desemprego alto. Com menos para comprar alimentos e pagar as contas básicas, a realidade é que os brasileiros estão cada vez se endividando para fechar a conta no fim do mês. A resposta do governo para esta crise sem precedentes foi elevar os juros e encarecer o crédito.

A PEIC também informou que dentre as famílias inadimplentes, 10,5% declararam não ter condições de pagar ou renegociar suas dívidas.

PERCENTUAL DE FAMÍLIAS ENDEVIDADAS ATINGE 76,6%

O estudo mostra que 76,6% das famílias estão endividadas, ou seja, tem dívidas a vencer nos próximos meses, número que representa, aproximadamente, 12,5 milhões de famílias. Há um ano, a proporção de endividados era de 66,7%. Entre as dívidas relatadas estão cheque pré-datado, cartão de crédito, cheque especial, carnê de loja, crédito consignado, empréstimo pessoal, prestação de carro e de casa.

Mais da metade (53,9%) dos quase 13 milhões de brasileiros endividados estão com a renda entre 11% e 50% comprometida por dívidas. Em situação ainda mais grave, 20,8% dos brasileiros, um contingente de mais de 2 milhões de pessoas, estão com mais da metade da renda comprometida com as dívidas.



Economista-chefe da Fiesp cobra política industrial contra desindustrialização

"Estamos com perspectiva de queda de 1% da produção industrial e o mesmo para o PIB da indústria de transformação", alertou o novo economista-chefe da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Igor Rocha, em entrevista ao Valor na última sexta-feira (4), onde defendeu que é preciso ter uma política industrial moderna focada nos setores de média e alta tecnologia.

"O que precisamos fazer? Ter um plano delineado para a indústria de transformação. Quando falamos de política industrial estamos falando de uma política industrial moderna, pautada nos pilares ESG (environmental, social and governance - ambiental, social e governança, em português), na sustentabilidade, focada nos setores de média e alta tecnologia, que são os que têm maior potencial verde. A descarbonização também precisa estar na agenda, para termos alinhamento com as melhores práticas que ocorrem hoje", destacou Rocha.

"E quando falamos de investimento verde, seria em setores de média e alta tecnologia, com menor nível de emissões, e também dos maiores multiplicadores econômica". "Um seria o setor da saúde, intensivo do ponto de vista da tecnologia. O outro, da mobilidade urbana, com eletrificação de carros e veículos pesados. E, por último, o setor de infraestrutura. Temos um problema de competitividade porque não há infraestrutura adequada para isso", lembrou o economista.

O economista-chefe da Fiesp, ao se declarar também favorável à ampliação do investimento público, alertou para os riscos da desindustrialização.

"O que ocorreu com o Brasil foi um movimento distinto, sem fazer a passagem de renda média para renda alta. Ou seja, uma desindustrialização precoce". "Significa que não fizemos a transição produtiva e tecnológica, não fizemos a devida absorção no mercado de trabalho da população para esses setores que pagam mais."

Com doutorado pela Universidade de Cambridge, onde produziu análise comparativa sobre desenvolvimento industrial no Brasil e na Coreia do Sul, Igor Rocha também vê que o Brasil possa ter uma maior inserção no comércio global, mas ressalta que a economia brasileira não é tão fechada como as correntes mais liberais afirmam.

"A abertura comercial é um meio, não é um fim em si mesmo. Temos, de fato, que procurar maior integração com o comércio global. Mas também é preciso pontuar que temos quase 17 mil ex-tarifários [para reduzir tributos de importação], então a tarifa que se vê muitas vezes não é a que vigora. Além disso, o Brasil importa mais insumos do que China, Alemanha e EUA", disse. "Temos de aumentar o fluxo de comércio, mas também olhar as exportações, onde o Brasil tem de melhorar porque houve regressão do ponto de vista produtivo e da pauta de exportações", pontuou.

Entre as propostas em debate no Congresso Nacional, Rocha afirmou ser mais urgente para o setor a reforma tributária. "Precisamos de maior harmonização tributária. Hoje em uma empresa, a área tributária é maior do que a área comercial. Se a área comercial é menor que a tributária, alguma desfuncionalidade tem aí". "Há três grandes problemas horizontais: educação, infraestrutura e a questão tributária, que são condições necessárias, porém não suficientes para o desenvolvimento do país. É muito difícil você empreender uma política industrial sem atacar essas três questões".

Escreva para o HP

horadopovo@horadopovo.com.br

HORA DO POVO é uma publicação do Instituto Nacional de Comunicação 24 de agosto Rua José Getúlio, 67, Cj. 21 Liberdade - CEP: 01509-001 São Paulo-SP E-mail: inc24agosto@uol.com.br C.N.P.J 23.520.750/0001-90

Editor-Geral: Clóvis Monteiro Neto
Redação: fone (11) 2307-4112
E-mail: horadopovo@horadopovo.com.br
E-mail: comercial@horadopovo.com.br
E-mail: hp.comercial@uol.com.br
Redação: Rua Mazzini, 177 - São Paulo - CEP: 01528-000
Sucursais:
Rio de Janeiro (RJ): IBSCS - Rua Marechal Marques Porto 18, 3º andar, Tijuca - Fone: (21) 2264-7679
E-mail: hprj@oi.com.br
Brasília (DF): SCS Q 01 Edifício Márcia, sala 708 - CEP 70301-000
Fone-fax: (61) 3226-5834 E-mail: hp.df@ig.com.br
Belo Horizonte (MG): Rua Mato Grosso, 539 - sala 1506 Barro Preto CEP 30190-080 - Fone-fax: (31) 271-0480
E-mail: horadopovomg@uol.com.br
Salvador (BA): Fone: (71) 9981-4317 - E-mail: horadopovobahia@oi.com.br
Recife (PE): Av. Conde da Boa Vista, 50 - Edifício Pessoa de Melo, sala 300 - Boa Vista - CEP 50060-004
Fones: (81) 3222-9064 e 9943-5603
E-mail: horadopovope@yahoo.com.br
Belém (PA): Avenida Almirante Barros/Passagem Ana Deusa, 140 Curio-Utinga - CEP 66610-290. Fone: (91) 229-9823
Correspondentes: Fortaleza, Natal, Campo Grande, Rio Branco, João Pessoa, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

www.horadopovo.com.br



Senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP) **Randolfe aciona Supremo para impedir PF de trocar diretoria que investiga Jair Bolsonaro**

O senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP) pediu, na quinta-feira (3), ao STF (Supremo Tribunal Federal) que proíba o novo diretor-geral (DG) da Polícia Federal, Márcio Nunes, de trocar delegados responsáveis por diretorias estratégicas até a conclusão dos inquéritos já iniciados contra autoridades com foro privilegiado.

Nunes é o quarto DG desde que Bolsonaro assumiu a Presidência da República em 2019.

Não se conhece na história recente do Brasil tantas demandas ao STF em razão da insegurança jurídica que o governo do presidente Jair Bolsonaro (PL) causa à República. O chefe do Poder Executivo quando não está ameaçando as instituições, está arquitetando contra elas. O que no final das contas são ameaças.

O objetivo, segundo a representação enviada ao STF, é impedir que as substituições ocorram em efeito dominó e comprometam investigações em curso.

“Com a troca da alta cúpula da corporação, almeja-se obstruir as investigações em curso que envolvem o presidente da República e seus familiares”, acusa o senador na ação submetida ao Supremo.

BLINDAGEM DA DICOR
O pedido é para blindar a Dicor (Diretoria de Investigação e Combate ao Crime Organizado), que abriga dois dos setores mais sensíveis da corporação: o que cuida de inquéritos contra os chamados políticos e autoridades e o que investiga casos de corrupção.

Randolfe também sugere o veto a eventuais trocas na DIP (Diretoria de Inteligência Policial) e em órgãos subordinados.

“A PF não é uma extensão do cercadinho do presidente da República: trata-se de um órgão de Estado, estratégico para o devido funcionamento das instituições republicanas, cujas atribuições não podem ser violadas ao bel-prazer ou para atender caprichos e interesses particulares do governante de plantão”, está escrito em trecho da representação enviada ao STF.

TROCA-TROCA
O presidente Jair Bolsonaro trocou pela quarta vez o diretor-geral da Polícia Federal. Desde que assumiu o governo, passaram pelo cargo os delegados Maurício Valeixo, Alexandre Ramagem, Rolando de Souza, Paulo Maiurino e o atual titular, Márcio Nunes. Ramagem não chegou a assumir, por ordem do STF.

Cada substituição amplia o desgaste interno. Isso porque as mudanças no comando da corporação costumam trazer trocas adicionais a réboque: os diretores-gerais assumem com a perspectiva de montar equipes próprias.

Há avaliação no segmento que falta estabilidade para o trabalho. Bolsonaro é o presidente pós ditadura civil-militar (1964-1985) que mais interferiu nos assuntos da PF. E o faz para se proteger e proteger os filhos envolvidos em problemas graves de improbidade e de envolvimento em atos antidemocráticos que desestabilizam as instituições da República.

O próprio presidente responde a diversas investigações a cargo da PF, inclusive por suspeita de tentar interferir politicamente na corporação para blindar aliados, como denunciou o ex-ministro da Justiça Sérgio Moro, hoje cotado como pré-candidato ao Planalto, ao deixar o governo.

M. V.

PF apura fake news de Bolsonaro ligando a vacina da Covid à Aids



Líder do governo quer urgência para projeto que destrói terras indígenas

O líder do governo Bolsonaro na Câmara, Ricardo Barros (PP-PR), apresentou um pedido de urgência para que o Projeto de Lei que permite a mineração em terras indígenas seja votado.

Caso seja aprovado o pedido de urgência, a tramitação do PL 191/2020, que ainda está sendo avaliado pela Comissão de Minas e Energia da Câmara, será acelerada.

Ricardo Barros anunciou o pedido de urgência pelas redes sociais. “Mineração em terras indígenas. Pede

“EUA e OTAN usam o povo ucraniano como boi de piranha”, afirma Renildo Calheiros

O deputado federal Renildo Calheiros (PCdoB-PE), líder do partido na Câmara, publicou um artigo pedindo paz, denunciando a “política expansionista” dos Estados Unidos e da OTAN e defendendo o fim do “cerco militar” à Rússia.

Segundo ele, a operação militar especial da Rússia na Ucrânia foi motivada pela expansão da OTAN para próximo de suas fronteiras.

Os EUA e a OTAN estão usando “o povo ucraniano como boi de piranha”, afirmou o deputado.

Leia o artigo na íntegra:

O mundo precisa de paz e não de guerra

Em defesa da paz, do respeito à soberania das nações e da autodeterminação dos povos

RENILDO CALHEIROS (*)
Russos e Ucranianos são povos que deram enorme contribuição à humanidade, inclusive colaboraram enormemente na derrota do Nazismo e de Hitler.

É lamentável que hoje estes países estejam em guerra como resultado de uma política dos EUA e da OTAN de tirar a batata quente do fogo com as mãos dos outros, no caso, dos Ucranianos.

São povos vizinhos que compartilham história, cultura e fronteiras, que formavam juntos a URSS. Inclusive, o ucraniano Leonid Brejnev já comandou toda União Soviética, da mesma forma que vários Russos já exerceram esse papel.

Durante a guerra fria em 58 e 59, o presidente americano Eisenhower colocou mísseis balísticos com ogivas nucleares na Turquia usando a OTAN como instrumento. Moscou e São Petersburgo ficaram ao alcance destes mísseis.

Em 62, Khrushchev e Fidel Castro responderam fazendo um acordo para alocação de mísseis nucleares em Cuba para

urgência ao projeto do executivo que esta na câmara desde 2020 e que permite aos índios que desejarem, explorar as riquezas do subsolo. Reservas de Potássio poderão ser exploradas e garantir fertilizantes para nosso agronegócio”, publicou.

O governo Bolsonaro tem usado o conflito da Ucrânia como desculpa para querer invadir e explorar terras indígenas.

Em transmissão ao vivo, Jair Bolsonaro falou que tem interesse em explorar os minerais da região da foz do Rio

evitar uma invasão de Havana. Os EUA fotografaram as instalações e não aceitaram, nem parecia ser o mesmo país que instalou mísseis na Turquia.

O mundo esteve à beira de viver a 1ª guerra nuclear de sua história. Militares americanos aconselharam que os EUA destruíssem os mísseis e invadissem CUBA.

Mas surgiram as negociações feitas por Washington e Moscou, diretamente por Kennedy e Khrushchev.

Ao final, o caminho diplomático conseguiu que a União Soviética removesse os mísseis sob supervisão da ONU e os EUA assumiram o compromisso de não invadir Cuba e ainda retirar os mísseis americanos da Turquia.

A Guerra Fria acabou há mais de 30 anos. Estes dias foram revisitados no discurso de Joe Biden. O que ocorre atualmente é que a Rússia Capitalista está em guerra contra a Ucrânia Capitalista.

O que gerou esta guerra?

Nas últimas décadas os EUA e a OTAN realizam uma política expansionista agressiva na direção do Leste Europeu. Estimulam desavenças, intrigas, contradições, conflitos.

Buscam cercar a Rússia e levar confusão para suas fronteiras. Ao longo desses anos, Polônia, Lituânia, Letônia, Estônia, República Tcheca, Eslováquia, Hungria, Romênia, Eslovênia, Croácia, Montenegro, Albânia, Macedônia do Norte e Bulgária entram para a OTAN e formam um cinturão armado em torno da Rússia.

Os Russos reclamam há vários anos, EUA e OTAN fazem ouvidos de mercador e avançam, é o tal do “se colar colou”, desta vez não colou. A Rússia reagiu fortemente contra a entrada da Ucrânia na OTAN. Basta olhar o mapa para se compreender o significado geopolítico deste movimento.

A decadência dos EUA não pode ser recuperada por este caminho. Vejamos o que disse Henry Kissinger, Secretário de Estado dos presidentes

Madeira, que é protegida por uma reserva indígena.

Segundo ele, a guerra pode afetar o abastecimento de fertilizantes para o Brasil, o que afetaria a produção alimentar e o agronegócio.

O que ele não conta é que seu governo ajudou a destruir a produção brasileira de fertilizantes.

As unidades da Petrobrás que produziam fertilizantes foram fechadas e três fábricas do insumo foram vendidas, fazendo com que o Brasil se tornasse dependente do mercado internacional.

Richard Nixon e Gerald Ford, um dos mais influentes diplomatas Norte-americanos da história:

“Para que a Ucrânia sobreviva e prospere, não deve ser o posto avançado de nenhum dos lados contra o outro – deve funcionar como uma ponte entre eles.”

A busca por uma saída pacífica passa pelo fim do cerco da OTAN às fronteiras russas.

Em 2014 Kissinger já defendia que:

“A Ucrânia deve seguir uma postura comparável à da Finlândia. Essa nação não deixa dúvidas sobre sua feroz independência e coopera com o Ocidente na maioria dos campos, mas evita cuidadosamente a hostilidade institucional em relação à Rússia.”

Este artigo do Kissinger é de 2014.

Hoje se faz necessário encerrar o cerco militar da OTAN e dos EUA à Rússia, se faz necessário acabar a guerra, se faz necessário a “paz verdadeira” e não o discurso de paz que impulsiona e gera guerra. Não cabe OTAN e EUA, que conhecemos bem, fazerem cara de bons moços. Era evidente que cercado e fustigado em suas próprias fronteiras, em algum momento a Rússia, com todo poderio que possui iria reagir. O próprio Joe Biden, várias vezes afirmou isso, mas não se dispôs a retirar o motivo do conflito.

Nunca é demais lembrar que em 2014 EUA e OTAN ajudaram a derubar um presidente legitimamente eleito na Ucrânia pelo fato dele ter decidido não ingressar na OTAN.

EUA e OTAN não têm o direito de usar o povo ucraniano como boi de piranha. Com a guerra perdem as famílias, os civis, as crianças, o patrimônio histórico e a humanidade.

PELO FIM DA GUERRA E PELO FIM DA EXPANSÃO DA OTAN

(*) Deputado federal, líder da bancada do PCdoB na Câmara dos Deputados

Delegada Lorena Nascimento informou que a PF investiga crimes de epidemia, infração de medida sanitária e de incitação ao crime

A Polícia Federal vai pedir cooperação com órgãos dos Estados Unidos e do Reino Unido para investigar as mentiras de Jair Bolsonaro sobre as vacinas, associando-as a casos de Aids, e sobre o uso de máscaras, defendendo que as pessoas não precisam usar.

Bolsonaro propagou as falsificações em transmissões ao vivo feitas em suas redes sociais. O Facebook, o Instagram e o Youtube deletaram as gravações da live por conta de seu negacionismo.

Em outubro de 2021, Jair Bolsonaro falou em uma live feita em suas redes sociais que “os totalmente vacinados estão desenvolvendo a síndrome de imunodeficiência adquirida muito mais rápido do que o previsto”.

Segundo ele, os dados eram de relatórios do governo do Reino Unido, o que é mentira. Na própria transmissão é possível ler um trecho do site “before it’s news”, conhecido por divulgar fake news.

A PF vai entrar em contato com o Departamento de Saúde e Assistência Social do Reino Unido para revelar a mentira de Jair Bolsonaro.

Outra cooperação vai ser com os Estados Unidos. Também em transmissão ao vivo, Bolsonaro

Marina: “Bolsonaro é risco para a democracia, temos de derrotá-lo e debater um projeto de país”

A ex-ministra do Meio Ambiente, Marina Silva (Rede), afirmou que nas eleições “não basta derrotar Bolsonaro, é preciso derrotar o bolsonarismo” e que os democratas precisam estar dispostos a “debater um projeto de país, não apenas de poder”.

“Eu tenho a clareza de que neste momento todos devemos defender a democracia. Bolsonaro é um risco para a democracia. É uma pessoa que não contribui para os avanços que a humanidade precisa”, destacou Marina, em entrevista ao Estadão.

A ex-senadora afirma ser “fundamental que as forças políticas do campo democrático estejam dispostas a debater um projeto de país, não apenas de poder. Não é só mudar de governo, é mudar de realidade”.

“É fundamental que os candidatos digam claramente com o que eles estão se comprometendo. É fundamental que os candidatos digam qual é o seu compromisso. Se continuarmos apoiando a polarização perversa que levou o Brasil para essa guerra de fragmentação de ódio na política, não vamos a lugar nenhum”, pontuou.

Para ela, a eleição de outubro será “muito difícil”, porque várias crises estão se sobrepondo. “Uma grave crise sanitária, econômica, social, ambiental, política e de valores. No contexto de uma crise internacional, em que o mundo volta aos tempos da Guerra Fria com repercussões que nem sequer temos condições de avaliar neste momento”.

“Vamos fazer uma eleição na qual temos um verdadeiro desgoverno em que todas as políticas públicas estão sendo soterradas na área de educação, saúde, meio ambiente, direitos humanos e política econômica,



Ex-ministra do Meio Ambiente, Marina Silva (Rede)

Alckmin acerta sua filiação ao PSB em encontro com o presidente do partido

O presidente nacional do PSB, Carlos Siqueira, informou que a filiação do ex-governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, ao partido está acertada e só falta definir a data do evento.

A filiação do ex-governador foi acertada em um encontro entre ambos nesta segunda-feira (7).

“Ficou acertado que ele entra no PSB, só falta agora a data da filiação. A conversa foi excelente”, comemorou o presidente do PSB.

Siqueira informou que, independentemente de federação com o PT, Alckmin irá para o PSB e será o vice do ex-presidente Lula se ele confirmar o convite. “Ele vai ser o vice se Lula confirmar o convite. No PSB, está acertada a sua filiação”.

Um dos aliados de Geraldo Alckmin declarou ao final do encontro que “Lula tem deixado claro para ele que ele será o vice independentemente do partido que escolher”.

O presidente do PSB disse que não tinha dúvidas da ida de Alckmin para a legenda. “Para mim nunca houve dúvida de que ele viria para o PSB. É muito bem-vindo por todos”, declarou Siqueira.

Sobre a definição da candidatura a governador em São Paulo, o dirigente partidário afirmou que a filiação de Alckmin independe disso. “A vinda do Alckmin é uma questão nacional. A negociação de São Paulo é de São Paulo, e a decisão será tomada mais lá na frente”, disse Siqueira.

Os partidos negociam quem será o candidato único ao governo de São Paulo. A discussão está entre o ex-prefeito Fernando Haddad (PT) e o ex-governador Márcio França (PSB).

Bolsonaro usa guerra para defender mineração nos territórios indígenas

Bolsonaro usa o conflito entre Ucrânia e Rússia para tentar viabilizar o projeto de lei que acaba com terras indígenas e aniquila os direitos dos povos originários

Bolsonaro usou o conflito entre Rússia e Ucrânia como pretexto para justificar liberação da mineração em terras indígenas. Com o conflito internacional, o fertilizante pode faltar ou encarecer. Ele afirmou que o Brasil é dependente da Rússia para obter potássio, matéria-prima de fertilizantes usados na agricultura brasileira. Por isso, regiões como a foz do Rio Madeira, próximo a uma reserva indígena, poderiam suprir essa demanda, defendeu.

De maneira oportunista, Bolsonaro usou as redes sociais esta semana para ressuscitar um discurso proferido por ele na Câmara, defendendo a exploração de potássio em áreas indígenas, quando exercia o mandato de deputado.

“Como deputado, discurssei sobre nossa dependência do potássio da Rússia. Citei três problemas: ambiental, indígena e a quem pertença o direito exploratório na foz do Rio Madeira (existem jazidas também em outras regiões do país)”, disse. Ele defendeu a aprovação do Projeto de Lei 191/2020, em tramitação na Câmara. “Uma vez aprovado, resolve-se um desses problemas”, disse.

Bolsonaro afirmou ainda que “nossa segurança alimentar e agronegócio (Economia) exigem de nós, Executivo e Legislativo, medidas que nos permitam a não dependência externa de algo que temos em abundância”.

O Brasil é o quarto maior produtor de grãos do mundo e o segundo maior exportador. Essa produção necessita do uso de fertilizantes e hoje 85% desses insumos são comprados no mercado internacional. O presidente finge esquecer que, caso se confirme a falta dos insumos para produção de fertilizantes, ele é um dos responsáveis por isso. O Brasil chegou perto de atingir a autossuficiência no setor no passado.

Com o fechamento de uma unidade da Petrobras e da venda de três das fábricas de fertilizantes que operavam no país, no contexto da política de desmonte e privatização da estatal, o Brasil se tornou dependente da importação desses insumos, tendo a Rússia como um dos maiores fornecedores.

A Petrobras foi retirada do mercado de fertilizantes em 2016, quando o então presidente Michel Temer, alegando falta de lucratividade, fechou duas fábricas de fertilizantes nitrogenados no Nordeste. Uma delas, na Bahia (Fafen-BA), localizada no polo petroquímico de Camaçari, inaugurada em 1971, e a outra, de Ser-

gipe (Fafen-SE), em Laranjeiras, ativada em 1982. A decisão fez parte de um “plano de negócios” para desmonte da estatal.

Em novembro de 2019, já no governo de Jair Bolsonaro, a Petrobras arrendou as duas plantas para a Proquigel Química SA. A empresa, entretanto, só conseguiu reativar a produção delas em 2021. Dando continuidade à política privatista e de desmonte do Estado, Bolsonaro vendeu a Unidade de Fertilizantes Nitrogenados (UFN3), em Três Lagoas, no Mato Grosso do Sul, para o grupo empresarial russo Acron.

De 2016 para cá, a estatal também fechou a Fábrica de Fertilizantes Nitrogenados do Paraná (Fafen-PR), em Araucária. O fechamento ocorreu em fevereiro de 2020 e a desativação da fábrica, que havia sido comprada em 2013, causou a demissão de cerca de mil trabalhadores.

Segundo dados da balança comercial brasileira, da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), analisados pela área econômica Fundação Única dos Petroleiros (FUP), o Brasil gastou ano passado US\$ 15,2 bilhões em importações de adubos e fertilizantes químicos. O valor é 90% maior do que o gasto em 2020. Foi o produto mais importado entre os itens da categoria “indústria de transformação”. O país adquiriu no exterior 41,5 milhões de toneladas de fertilizantes – incremento de 22% nas quantidades –, a preço médio de US\$ 364,34 por tonelada, 56% acima dos valores pagos em 2020.

Para Suely Araújo, especialista em políticas públicas do Observatório do Clima e ex-diretora do Ibama, Bolsonaro usa a guerra como pretexto para tentar viabilizar o projeto de acabar com as terras indígenas e aniquilar os direitos dos povos originários. “O PL 191, elaborado pelo Executivo, foi redigido de forma a viabilizar exploração mineral em larga escala e sem cuidados ambientais, com prioridade para o garimpo de ouro. Se aprovado, destruirá as terras indígenas”, observou.

O Instituto Socioambiental (ISA) defendeu que a sociedade precisa ser informada, por meio de estudos científicos, sobre o potencial de produção mineral fora das áreas indígenas. “A exploração de jazidas de potássio situadas fora desses territórios deve ser priorizada. O presidente, no entanto, escolhe fomentar o racismo contra os povos indígenas, alimentando o falso antagonismo entre o desenvolvimento nacional e os direitos indígenas”, criticou.



Abraham Weintraub enquanto ministro da Educação

Weintraub expõe racismo e quer controlar “fronteiras” contra “favelização” de SP

“O objetivo é transformar São Paulo numa espécie de Texas”, disse o bolsonarista em referência ao estado dos EUA conhecido pela caça xenófoba a imigrantes

O ex-ministro da Educação do governo de Jair Bolsonaro e pré-candidato ao governo de São Paulo, Abraham Weintraub, propôs pensar num sistema de controle de fronteiras no Estado, para combater o que chamou de “favelização”.

As declarações de Weintraub não pararam por aí. Na contra-mão do combate à desigualdade em comunidades periféricas, o bolsonarista ainda afirmou que não dá para mudar a realidade de uma favela.

“É um ambiente que precisa acabar. Não dá pra ter favela. Não dá pra mudar uma favela. A essência da favela permite o surgimento de muita coisa errada”, afirmou. “O objetivo é transformar São Paulo numa espécie de

Texas. Se o País for numa direção errada, tem um porto seguro. Tem que ter alguma forma de controle. ‘Vai chegar? O que vai fazer? Vai ficar?’. Ao mesmo tempo, uma política habitacional. Não tem que tentar aliviar na favela”, disse o ex-ministro em conversa com apoiadores, de acordo com o jornal ‘Estado de S. Paulo’.

A medida proposta por Weintraub para cercear o direito do povo, dos pobres de circularem livremente, é inconstitucional.

A sugestão de Weintraub fere o artigo 5.º da Constituição. “Nenhum Estado pode estabelecer restrições à circulação de pessoas no território nacional”.



DIA DO FOGO - Areas incendiadas por fazendeiros em ação coordenada,

Adeus a Luiz Pinguelli Rosa: um patriota que defendeu e iluminou o Brasil

Professor Emérito da UFRJ, ele foi presidente da Eletrobrás, lutador contra as privatizações e condutor do programa “Luz Para Todos”, do governo Lula

O professor e físico Luiz Pinguelli Rosa morreu aos 80 anos nesta quinta-feira no Rio de Janeiro. Pinguelli se graduou em física em 1967. Dois anos depois, tornou-se mestre em engenharia nuclear na Coppe. Em 1974, concluiu um doutorado em física na PUC-Rio. Foi professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro e ex-presidente da Eletrobrás.

Mais do que um professor, Pinguelli Rosa consagrou-se como um grande patriota e um defensor ardoroso do desenvolvimento soberano do Brasil. Em 9 de abril de 2013 foi-lhe concedido o título de professor emérito pela UFRJ. Primeiramente no Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ e depois na Coppe, despontou como um dos principais críticos das propostas de privatização dos serviços públicos de energia elétrica.

ORGANIZADOR DE PROGRAMA DE GOVERNO
Junto com Ildo Sauer, Roberto D’Araújo, Joaquim Francisco de Carvalho, Leslie Afranio Terry, Luiz Tadeu Siqueira e João Eduardo Gonçalves, Pinguelli publicou em 2003 o livro “A Reconstrução do Setor Elétrico Brasileiro”, que serviu de base para o plano de reconstrução e fortalecimento da Eletrobrás e do sistema elétrico brasileiro após o apagão de FHC no final dos anos 90. A obra foi elaborada como uma proposta de programa energético para o novo governo que assumiria em 2003.

No início do primeiro governo Luís Inácio Lula da Silva, foi nomeado presidente da Centrais Elétricas Brasileiras (Eletrobrás), assumindo o comando da empresa em 14 de janeiro de 2003, em substituição ao engenheiro Altino Ventura Filho. Durante sua gestão, a Eletrobrás instituiu linha de crédito para financiamento e subvenção de projetos no âmbito do Programa Luz para Todos e buscou renegociar contratos com produtores independentes de energia em condições mais favoráveis para empresas do grupo.

Em março de 2004, a Eletrobrás foi retirada do PND pela Lei nº 10.847, que redefiniu o marco regulatório do setor elétrico, juntamente com a Lei nº 10.848, promulgada na mesma ocasião. Pinguelli destacou essa decisão como principal ponto positivo do novo modelo institucional setorial, lamentando, entretanto, a descaracterização da proposta original do governo. Divergindo da então ministra de Minas e Energia, Pinguelli deixou o comando da Eletrobrás em 12 de maio de 2004.

Voltou a lecionar na Coppe em 2004, assumindo em setembro desse ano o cargo de secretário-executivo do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas. Em agosto de 2006, iniciou novo mandato como diretor



Pinguelli em seminário na Câmara dos Deputados da Coppe.

CONTRA BOLSONARO

Em 2019, teve a oportunidade de participar, junto com professor Ildo Sauer, de um seminário na Coppe, na UFRJ intitulado “Impacto tecnológico da privatização do setor de Energia”. Lá estava Luiz Pinguelli Rosa na mesa, fazendo o que sempre fez: defendendo o Brasil dos ataques, desta vez do desgoverno Bolsonaro. “Isto aqui não é apenas um debate, é um ato de resistência contra o desmonte do setor energético patrocinado por este governo”, disse ele ao iniciar sua participação no evento.

PARA ILDO SAUER, PINGUELLI É INSPIRAÇÃO, EXEMPLO DE COERÊNCIA E DE LUTA

“Pinguelli foi uma grande inspiração para mim como mestre, como cientista e depois como amigo e companheiro de lutas pela transformação do país. Com ele aprendi a encarar com humildade as raras vitórias na luta por um país justo, fraterno e igualitário, e com serenidade as muitas derrotas, e a buscar nelas o estímulo para intensificar os esforços e a luta”, disse Ildo Sauer.

“A trajetória do Professor Luiz Pinguelli Rosa é um marco para a vida brasileira no campo da ciência, tecnologia e para formação de cientistas e de educadores”, prosseguiu Ildo.

“Como cientista engajado, foi um exemplo, pelo rigor na construção da ciência e tecnologia, e uma inspiração permanente pela luta para a sua apropriação em favor da transformação do Brasil num País mais justo, fraterno e igualitário”, acrescentou.

Para o professor Ildo Sauer, Pinguelli “contribuiu para a formulação e implementação de políticas públicas no desenvolvimento da ciência e da tecnologia, na apropriação sustentável dos recursos naturais, com ênfase, na área da energia, para promover transformação econômica e social do País. Esteve sempre ao lado da defesa do patrimônio público nacional, e, ainda agora, contra a entrega da Eletrobrás”.

“Seu exemplo e inspiração permanecem para acalentar o sonho de uma sociedade fraterna, acolhedora, justa nestes tempos sombrios para luta atual e para as gerações

futuras”, destacou Sauer. **FERNANDO SIQUEIRA: PINGUELLI FOI UM GRANDE BRASILEIRO**

O dirigente da Associação dos Engenheiros da Petrobras (Aepet), Fernando Siqueira, falou sobre Pinguelli e a parceria na luta em defesa do Brasil. “O Pinguelli era um grande brasileiro, profundo conhecedor da área de energia, foi presidente da Eletrobrás, diretor da CO-PPE, onde comandou um grande desenvolvimento de tecnologia”, disse Fernando. “Era competente, sério, além de mostrar com atos e atitudes um grande amor pelo Brasil. Foi um grande parceiro da Aepet na defesa da Petrobras e da soberania nacional”, completou Siqueira.

UFRJ DECRETOU LUTO DE TRÊS DIAS

A UFRJ decretou luto oficial de três dias pela morte do professor. “Foi com profundo pesar que a Reitoria teve ciência do falecimento do professor emérito Luiz Pinguelli Rosa. A Reitoria declarou luto oficial de três dias pela partida de Pinguelli”, disse, em nota.

“A Reitoria da UFRJ lamenta profundamente a partida de Pinguelli, defensor nato da universidade brasileira e da difusão da ciência e da tecnologia. Seu compromisso por uma universidade de qualidade que transpira pesquisa deixará uma lacuna entre nós e um aprendizado permanente. Transmitimos força aos familiares, amigos e à comunidade acadêmica neste momento de consternação.”

Ao longo da carreira Pinguelli foi também secretário-geral da Sociedade Brasileira de Física (SBF), de 1977 a 1979 e de 1985 a 1987, membro do conselho da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SPBC), em 1987 e em 1994, do Intergovernamental Panel on Climate Change (IPCC), de 1998 e 2001, e do Conselho Mundial do Pugwash Conferências on Science and World Affairs, de 1999 a 2001. Foi eleito membro da Academia Brasileira de Ciências (ABC) em junho de 2003.

SÉRGIO CRUZ



Deputado disse que ucranianas são “fáceis porque são pobres”

Deputados pedem a cassação de Mamãe Falei após fala sobre mulheres ucranianas

O Conselho de Ética da Assembleia Legislativa de São Paulo recebe nesta segunda-feira (7) as representações que pedem a cassação do deputado Arthur do Val (Podemos). Dez representações foram protocoladas contra o deputado desde sexta-feira (4), a maioria pedindo a perda do mandato. Um deles foi assinado por 17 parlamentares da Assembleia e entregue nesta segunda-feira (7).

O conteúdo dos áudios gravados por Arthur do Val, conhecido como “Mamãe Falei”, e vazados na última sexta-feira (4), ganharam grande repercussão negativa na mídia e nas redes sociais. Nas mensagens gravadas durante a viagem à Ucrânia, o deputado afirmou que as mulheres ucranianas “são fáceis porque são pobres”.

A presidente do Conselho de Ética da Alesp, deputada Maria Lúcia Amary (PSDB) diz que espera que a tramitação seja célere, com a conclusão dentro de dois meses no órgão. A partir disso, o caso segue para o plenário da Assembleia, onde precisará do voto da maioria dos deputados para que o deputado perca o mandato.

O presidente da Alesp, Carlão Pignatari (PSDB), afirma que o caso será levado para o plenário “tão logo seja concluída” a decisão do Conselho de Ética.

A deputada Isa Penna (PSOL), autora de uma das representações contra o deputado também avalia que o processo vai ser rápido. “Existe muita pressão dentro da Assembleia [por causa das falas sexistas deputado].”

O Partido Podemos repudiou as declarações do deputado recém filiado e defendeu a punição de Mamãe Falei. Segundo integrantes da legenda ele pedirá a desfiliação.

Acusado da morte de Marielle, Lessa afirma ter sido ajudado por Jair Bolsonaro em 2009

Principal suspeito de matar a ex-vereadora do Rio de Janeiro Marielle Franco (PSOL) e o motorista Anderson Gomes em março de 2018, o policial reformado Ronnie Lessa disse que o presidente Jair Bolsonaro (PL) já o ajudou.

Em entrevista à revista Veja, autorizada pelo Superior Tribunal de Justiça, Lessa contou que em 2009, Bolsonaro o ajudou a receber prioridade em um atendimento na Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação (ABBR).

Segundo o miliciano, que já foi policial reformado, Bolsonaro era “patrono da ABBR”, e interferiu para que ele recebesse prioridade no atendimento da associação. De acordo com Lessa, o presidente agiu para lhe favorecer por “gostar de ajudar quem é da polícia”. Na época, Lessa perdeu parte da sua perna esquerda depois de um atentado a bomba dentro de seu carro por envolvimento com o bicheiro Rogério Andrade. Além de tratamento, ele também recebeu uma prótese na ABBR.

O principal suspeito de ter matado Marielle disse ainda, que “apesar disso”, ele Bolsonaro mal se conhecem. Na época dos fatos relatados por Lessa, Bolsonaro era deputado federal.

Ronnie Lessa, tem 51 anos e é ex-morador do mesmo condomínio em que morava Jair Bolsonaro, na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, o ‘Vivendas da Barra’. Ele está preso desde dezembro de 2020 na Penitenciária Federal de Segurança Máxima de Campo Grande, em Mato Grosso do Sul, acusado de ser o assassino de Marielle e Anderson.

Apesar de ter sido vizinho de Bolsonaro e de ter recebido a ajuda do político, Lessa diz que se viu o presidente “cinco vezes na vida, foi muito”. “É um cara esquisito (...) Um dia cumprimenta, outro não, e mesmo assim só com a mãozinha. E nunca vi os filhos dele”, disse à Veja.

MORTE DE MARIELLE

Ronnie Lessa negou qualquer envolvimento no assassinato da ex-vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes, durante a entrevista à revista Veja. Ele acusou ele, o principal suspeito deveria ser o ex-capitão do Bope e também miliciano Adriano da Nóbrega, que foi morto pela polícia em 2020.

Conhecido como chefe do “Escritório do Crime”, Adriano, segundo Lessa, “estava num patamar em que não entrava mais num carro para dar tiro em ninguém, mas tenho quase certeza de que o grupo dele fez”.

Segundo Lessa, acabou acusado da morte de Marielle por obra do próprio Adriano, que quis se vingar por Lessa não tê-lo aceito como sócio em uma academia de ginástica da qual era dono em Rio das Pedras, área de atuação dos milicianos.

“Reforma Trabalhista precarizou e desempregou. Tem que revogar”

O presidente da CTB, Adilson Araújo, ressalta que pesquisa recente mostra que 57% da sociedade é a favor da revogação

Nas resoluções da primeira reunião do ano, no dia 4 de março de 2022, a Direção Executiva da CTB (Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil) considerou que “as eleições de outubro serão decisivas para um novo projeto nacional de desenvolvimento fundado na valorização do trabalho, na democracia e na soberania e devem centralizar a atenção e os esforços de mobilização e conscientização do sindicalismo classista”.

Para a Central, “a realização da Conclat (Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras), convocada pelo conjunto das centrais brasileiras para o dia 7 de abril, será um poderoso instrumento de elevação da consciência e do protagonismo político dos trabalhadores e trabalhadoras, rurais e urbanos, na vida e nos rumos da nação”. E, mais adiante afirma: “o Brasil está diante de uma encruzilhada histórica e as eleições de outubro serão decisivas para o futuro da nação”.

“A CONCLAT É UMA DECISÃO AUDACIOSA”

Adilson Araújo, presidente da CTB, afirmou em sua intervenção que a convocação da Conclat foi uma decisão audaciosa. “Vamos produzir uma contraposição da ‘Carta aos Brasileiros’”. Vamos concordar com o Lula que não podemos ter mais do mesmo”. Para o presidente da central, “quem primeiro disse que ia revogar a Reforma Trabalhista foi o presidente Lula”. Segundo Adilson, “pesquisa recente mostra que 57% da sociedade é a favor da revogação da Reforma Trabalhista. Se a sociedade é contra, se precarizou, se desempregou, se assassinou, nós temos que ir junto”.

Para Adilson, “é abominável que a gente vá dizer à sociedade que um governo democrático

popular vai continuar sustentando o teto de gastos da Emenda Constitucional 95”. “Por mais que enxerguemos a correlação de forças, não podemos nos furtar de defender nossas posições. E explicou: “muitas das coisas que achávamos que o Lula e a Dilma iam fazer ficaram no papel e podem ficar de novo se a gente não pressionar. A CTB, independente de se esforçar por um documento unitário (da Conclat), deve dar calor a esse debate”.

De acordo com a resolução da reunião, “a classe trabalhadora é duramente castigada pelo desemprego em massa, a precarização das relações trabalhistas, a carestia e o arrocho dos salários. E também forçada a conviver com iniciativas diuturnas do governo para liquidar o Direito do Trabalho – impondo a chamada carteira verde e amarelo, agora embutida na Medida Provisória 1099/22, que institui o Programa Nacional de Prestação de Serviço Civil Voluntário”.

“A renda média do trabalho caiu 11,4% no ano passado, quando alcançou o menor patamar da série histórica do IBGE, iniciada em 2012. A maioria dos acordos e convenções coletivas fechados nas datas-bases das categorias profissionais consagrou reajustes abaixo da inflação. Em contraste, o governo de Jair Bolsonaro não mediu esforços para satisfazer os interesses dos banqueiros. Os quatro maiores bancos do país (Itaú/Unibanco, Santander, Bradesco e Banco do Brasil) abocanharam um lucro de R\$ 81,632 bilhões, em 2021, enquanto o setor produtivo da economia era abatido pela pandemia e os salários eram arrojados”. Para a CTB, a classe trabalhadora deve desempenhar um papel proeminente nesta batalha”.

Leia na Hora do Povo a íntegra da resolução aprovada pela Central.

Caminhoneiros defendem fim da paridade internacional de preço dos combustíveis da Petrobrás

O presidente da Associação Brasileira dos Condutores de Veículos Automotores (Abrava), Wallace Landim, conhecido como Chorão, defendeu que o governo federal acabe com a política de paridade de preço no mercado internacional da Petrobrás, conhecida como PPI, para reduzir os custos dos combustíveis aos brasileiros, em um contexto de aumento expressivo da cotação internacional do petróleo.

O acirramento conflito entre Rússia e Ucrânia causou uma nova elevação dos preços do barril do petróleo no mercado internacional, chegando próximo aos US\$ 118, o maior valor desde 2008. Enquanto isso, a direção da Petrobrás já avalia novos aumentos do preço dos combustíveis no território nacional.

Esse arranjo favorece os importadores de combustíveis, apesar do Brasil ter alcançado a autossuficiência na produção de óleo bruto. Os acionistas da estatal se beneficiaram ainda mais. Em 2021, a Petrobrás registrou lucro líquido recorde de R\$ 106,668 bilhões. Na semana pas-

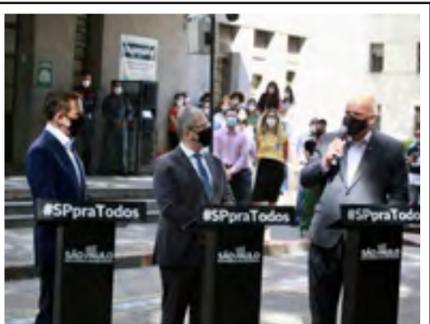
sada, a direção da estatal anunciou a distribuição de R\$ 37,3 bilhões adicionais em dividendos, elevando para R\$ 101,4 bilhões o lucro dos acionistas.

Para Landim, é insuficiente o governo tentar diminuir os custos dos derivados de petróleo no País com a Proposta de Emenda da Constituição dos combustíveis. Ele aponta que com a alta internacional do petróleo, na prática, a política do PPI é prejudicial para os cidadãos.

“Se levarmos em consideração que a Petrobras teve um salto em seu lucro líquido de 1.400%, que corresponde a R\$ 106,7 bilhões, fica muito claro quem é que lucra com isso, e não são os brasileiros. Ele defende que o governo abandone a PPI, pois ela “atinge em cheio os caminhoneiros”.

Anteriormente, em entrevista à Folha de S. Paulo, Chorão defendeu a proposta em discussão no Congresso da criação de um fundo para “estabilizar e aos poucos baixar o preço dos combustíveis”.

“Vendemos nosso petróleo em real e compramos em dólar”, criticou.



Governo de SP envia à ALESP projetos de reajustes para servidores e salário mínimo

O governador de São Paulo, João Doria, anunciou, em coletiva de imprensa na manhã de hoje, o envio três Projetos de Lei à Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP) que tratam do orçamento dos servidores públicos do estado. Os projetos foram encaminhados nesta quinta-feira (3).

De acordo com Doria, as propostas preveem reajustes de 20% para funcionários das áreas da saúde e da segurança e de 10% para os demais servidores estaduais, além da criação do plano de modernização de carreira dos professores. Também foi apresentado o PL de aumento de 10,3% do salário mínimo estadual.

“Nessa manhã, a Assembleia Legislativa, na pessoa do seu presidente, Carlão Pignatari, recebe o projeto do Executivo de reajuste salarial para os profissionais da Educação, da Saúde, da Segurança e todos os demais servidores estaduais. As medidas passam a valer tão logo tenhamos a aprovação da Assembleia Legislativa, mas a data base é 1º de março, seja qual for a data de votação e aprovação”, completou.

Na área da segurança, são mais de 276 mil pessoas beneficiadas com o reajuste de 20%, incluindo os funcionários das secretarias de Segurança Pública e de Administração Penitenciária. Já na área da saúde, são 69 mil profissionais. Os servidores que receberam 10% de aumento salarial somam 195 mil pessoas.

De acordo com informações do governo, a proposta prevê aumento de até 73% no salário inicial de professores. O projeto de lei define o salário inicial da categoria em R\$ 5 mil para docentes em jornada de 40 horas semanais. Os profissionais que estão no topo da carreira também serão valorizados com aumento salarial e com promoção por mérito.

Em relação ao salário mínimo, a depender da categoria, os trabalhadores que se enquadram na faixa 1 passam a receber R\$ 1.284, e os que fazem parte da faixa 2, R\$ 1.306. O índice de reajuste teve como base o IPC/FIPE, que atingiu 10,3%.



CTB aprovou resolução da Direção Executiva em reunião no último dia 4



Damares é obrigada a reenviar nota técnica do Ministério retirando Disque 100 antivacina

A tentativa de Damares Alves, ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, de utilizar o ministério para os fins negacionistas e antivacina do governo Bolsonaro deu com os burros n’água.

Por decisão do ministro do STF (Supremo Tribunal Federal), Ricardo Lewandowski, no último dia 14, Damares foi obrigada a alterar o conteúdo da nota técnica emitida pelo ministério, que se colocava em oposição ao passaporte vacinal e à obrigatoriedade da vacinação de crianças contra a Covid e ainda disponibilizava o uso do Disque 100 como meio de

“denúncia” contra pessoas ou locais que exigissem o passaporte da vacina.

Lewandowski determinou que ofícios com a nova nota técnica e retificações à original, com cópias ao STF, fossem enviados a Bolsonaro, aos 27 governadores, ao procurador-geral da República, Augusto Aras, ao presidente do STF, Luiz Fux, ao chefe da Defensoria Pública da União, à Confederação Nacional de Municípios, e à Frente Nacional de Prefeitos.

Os ofícios com a nova nota técnica, sem indicação do Disque 100 – principal canal do governo para de-

núncias de violações de direitos de crianças, mulheres, idosos, pessoas com deficiências e população LGBTQIA+ – para pessoas antivacinas, foram enviados pelo ministério de Damares Alves no último dia 18, de acordo com reportagem da Folha de S. Paulo.

Nos ofícios, a ministra afirma estar cumprindo decisão do STF em “retificação” à nota técnica anterior, que havia sido enviada às mesmas autoridades, órgão e governos.

As cópias com os devidos protocolos nos órgãos foram remetidas ao STF para provar o cumprimento da ordem judicial.

Servidores da Saúde denunciam demissões e cancelamento de cirurgias no Hospital São Paulo

Profissionais de saúde do Hospital São Paulo fizeram um protesto na quinta-feira (3) contra as demissões que vêm ocorrendo no hospital.

Nos últimos meses, centenas de médicos e enfermeiros foram desligados do hospital da Universidade Federal de São Paulo, sem aviso prévio.

Os profissionais também denunciam que faltam medicamentos e que a direção da unidade está limitando a distribuição de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs).

Segundo relatos dos fun-

cionários, são cerca de 20 demissões por dia. Eles chegam para trabalhar e encontram todos os logins de acessos do sistema do hospital bloqueados, a partir disso são chamados no RH e avisados sobre a demissão.

O pronto-socorro do hospital está fechado e somente atendimentos de especialidade estão sendo realizados. “Estão cancelando cirurgias e até exames básicos”, afirmou uma funcionária à reportagem do G1.

Conforme disse outra

profissional, “todos os hospitais do governo federal estão sofrendo com isso. Muita gente está sendo mandada embora porque está mudando a diretoria. Enfermeiras, médicos, todo dia um monte de gente é demitido aqui [no Hospital]”.

A direção do hospital alega que “os desligamentos efetuados foram necessários e inadiáveis em razão da reestruturação interna que tem como objetivo sanear financeiramente a instituição”.



Sem correção da tabela do IR, tributo penaliza os mais pobres

A Receita Federal divulgou, na última quinta-feira (24), as novas regras para a declaração do Imposto de Renda 2022. O início da declaração começa no dia 7 de março e termina no dia 29 de abril.

De acordo com a Associação Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal (Unafisco Nacional), 15 milhões de pessoas que deveriam estar isentas serão tributadas devido a não correção da tabela do Imposto de Renda, que não teve nenhum reajuste desde o início do governo Bolsonaro, chegando a 134,53% de defasagem.

Sem a correção, estão isentos do imposto aqueles que receberam até R\$1.903,98 por mês, o mesmo do ano passado. Assim, até mesmo qualquer reajustezinho conquistado pelo trabalhador no último ano pode acabar sendo engolido pelo imposto, caso saia da faixa de isenção.

Para o presidente do Conselho Regional de Contabilidade do Rio (CRCRJ), Samir Nehme, a ausência de

reajuste na tabela penaliza os mais pobres, uma vez que a faixa de isentos diminui cada vez mais, “e esse contexto é mais uma causa de aumento da desigualdade. “As pessoas que ganham salários próximos do mínimo da faixa isenta são as mais prejudicadas com a falta de correção, pois tão logo venham a ter um aumento que supere a referida faixa passam a contribuir com 7,5% do seu salário, um percentual representativo”, complementou o vice-presidente de Operações da Contabilizei.

De acordo com a Unafisco Nacional, se a correção da tabela fosse aplicada, a faixa de isenção atingiria todos os que ganhassem até R\$ R\$ 4.465,35 por mês.

Pelas estimativas da Unafisco Nacional, cerca de 5 milhões de pessoas foram prejudicadas durante o governo Bolsonaro por conta da falta de correção, levando ao confisco de R\$ 48 bilhões de trabalhadores e aposentados por meio da tributação de seus rendimentos.

China condena as sanções dos EUA/UE contra a Rússia

A China condenou as sanções ilegais unilaterais movidas pelos Estados Unidos e a União Europeia contra a Rússia e reafirmou que continuará a desenvolver normalmente a cooperação financeira com Moscou, declarou nesta quarta-feira (2) o chefe da Comissão Reguladora de Bancos e Seguros da China (CBIRC) e número dois do Banco Central, Guo Shuqing.

“No que diz respeito às sanções financeiras, nós não as aprovamos, especialmente as sanções lançadas unilateralmente, porque elas não funcionam bem e não têm fundamento legal”, destacou Guo Shuqing, presidente da Comissão Reguladora de Bancos e Seguros da China.

De forma enfática, Guo assegurou que o caminho é o diálogo e não a imposição. “Não participaremos de tais sanções. Continuaremos a manter as trocas econômicas e comerciais normais com as partes relevantes”, acrescentou.

O comércio entre os dois países tem crescido nos últimos anos, aumentando 35,9% no ano passado, alcançando um recorde de US\$ 146,9 bilhões, segundo dados da China, com a Rússia servindo como estratégica fonte de petróleo, gás, carvão e commodities agrícolas e registrando superávit comercial com a China.

Respondendo ao pedido de ajuda das Repúblicas Populares de Donetsk e Lugansk frente aos intensos ataques das tropas neonazistas ucranianas, a Rússia lançou em 24 de fevereiro uma “operação militar especial”.

Subordinados aos EUA/UE, vários países condenaram esta ação militar e anunciaram várias baterias de sanções. A União Europeia, por exemplo, proibiu aviões russos de usar seus aeroportos ou sobrevoar seus territórios, e também impôs a proibição de fornecer aviões comerciais e peças de reposição.

Na tentativa de asfixiar a economia russa, a UE proibiu o Banco Central da Rússia de realizar operações para administrar suas reservas e ativos. De acordo com o chefe da “diplomacia” europeia, Josep Borrell, graças a essa bateria de sanções cerca de metade das reservas financeiras do BC russo ficarão congeladas.

Conforme anunciado pelo Gabinete de Ministros alemão, alguns bancos russos serão sancionados e desconectados do sistema de pagamentos internacional, o Swif.

As autoridades russas, em resposta, proibiram as transportadoras europeias de sobrevoar o território russo e o Ministério das Finanças determinou que os exportadores vendam 80% de sua receita em moeda estrangeira.

O ministro das Finanças, Anton Siluanov, assegurou que o orçamento nacional permite alocar os recursos necessários para cobrir as despesas sociais, bem como capitalizar adicionalmente os bancos, caso haja necessidade.

Repórter israelense desmente Zelensky: Rússia não bombardeou o memorial aos mortos pelo nazismo em Babi Yar

O mais premiado jornalista israelense, Ron Ben Yishai, desmontou uma das mais deslavadas mentiras do governo da Ucrânia, propagada por Zelensky, de que o memorial aos mortos pelos nazistas na Segunda Guerra Mundial , o complexo de monumentos de Babi Yar, teria sido alvo de mísseis russos: “O memorial está intacto e não sofreu nenhum dano”, declara o jornalista que visitou e tirou fotos suas ao lado do monumento

Na terça-feira, dia 1º de março, a mídia dos EUA e toda a Ocidental repetiram a desinformação de que bombas russas haviam danificado o memorial às dezenas de milhares de judeus e ucranianos mortos nos terrenos pantanosos de Babi Yar pelos nazistas e colaboracionistas ucranianos durante a Segunda Guerra Mundial.

A mentira se manteve por pouco tempo antes de ruir. Nesta quarta-feira, dia 2, veio o desmentido nada menos do que pelo mais consagrado jornalista israelense, Ron Ben Yishai. Ele foi à Ucrânia para verificar no local os danos que os monumentos, as catacumbas e o memorial ali erigido – com base em financiamento por judeus ucranianos e russos – teria sido danificado.

Acontece que aquilo que o jornalista viu foi o oposto: Nenhuma das construções foi atingida! “Permanecem intactas”, reportou Ron Ben Yishai em matéria logo publicada no periódico Yediot Ahronot (Últimas Notícias, sigla Ynet), o de maior circulação em Israel para quem o repórter trabalha.

A mentira, divulgada

por órgãos pró-governo da Ucrânia, logo serviu de palanque para o presidente ucraniano e seu chefe de gabinete (de um governo impregnado de neonazistas, assim como suas forças armadas) desancarem a Rússia. Sairam propalando que os russos seriam “bárbaros” que queriam destruir um dos principais monumentos aos massacres pelos nazistas e assim negar o próprio Holocausto.

“Ao mundo: de que vale dizer ‘nunca mais’ por 80 anos, se o mundo fica em silêncio quando uma bomba é lançada no mesmo sítio de Babi Yar... a história se repete”, escreveu como se emocionado o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, em mais um patético apelo.

Seu chefe de gabinete, Andriy Yermak, não deixou por menos: “Exatamente agora”, se apressou, “uma poderosa barragem de fogo está acontecendo. Um míssil atingiu o ponto onde o complexo do memorial de Babi Yar está localizado. Uma vez mais estes bárbaros estão assassinando as vítimas do Holocausto!”

No entanto, como diz o ditado, a mentira tem pernas curtas e a matéria do jornal israelense desmonta a verdade surge em um estilo direto e sem ardores: “O memorial a Babi Yar não foi danificado por míssil em ataque russo. Repórter do jornal na Ucrânia diz que o memorial ao Holocausto está intacto apesar de três mísseis lançados em direção a uma torre de comunicações que sofreu grande dano”, diz a introdução à matéria publicada no dia 2 de fevereiro às 15:56.

Ucrânia é único país no mundo com força militar abertamente nazista



Batalhão Azov: suas bandeiras trazem cópia do logo das Waffen SS

The Nation advertiu para a marcha desenfreada dos nazistas na Ucrânia

A revista norte-americana The Nation, em artigo assinado pelo escritor Lev Golinkin, ucraniano de nascença e que em criança emigrou para os EUA, agora republicado, advertiu que cinco anos após a revolta de Maidan, “o antisemitismo e o ultranacionalismo de inclinação fascista estão em marcha desenfreada”.

Golinkin lembrou que a derrubada do então presidente Yanukovich teve “aplausos e apoio do Ocidente” e que aqueles que denunciaram “o lado sombrio do levante” foram chamados de “marionetes de Moscou e idiotas úteis”.

Segundo o escritor, a euforia inicial do Ocidente se defrontou com “pogroms neonazistas contra os ciganos, ataques desenfreados a feministas e grupos LGBT, proibições de livros e glorificações patrocinadas pelo Estado de colaboradores nazistas”.

Conforme o escritor, “a defesa padrão” do regime de Kiev por parte do establishment em Washington e capitais europeias “é apontar que a extrema direita da Ucrânia tem uma porcentagem menor de assentos no parlamento do que suas contrapartes em lugares como a França”.

Esse é “um argumento espúrio”, ele enfatizou: “o que a extrema direita da Ucrânia não tem em números nas pesquisas, compensa com coisas como as quais Marine Le Pen só poderia sonhar – unidades paramilitares e redeia solta

nas ruas”.

A Ucrânia pós-Maidan, sublinha Golinkin, “é a única nação do mundo a ter uma formação neonazista em suas forças armadas”. “O Batalhão Azov foi inicialmente formado pela gangue neonazista Patriotas da Ucrânia”.

“Andriy Biletsky, o líder da gangue que se tornou comandante do Azov, escreveu uma vez que a missão da Ucrânia é ‘liderar as raças brancas do mundo em uma cruzada final... contra os Untermenschen liderados pelos semitas’.

Biletsky é agora deputado no parlamento da Ucrânia. “Untermenschen” (sub-homens) é o termo com que os nazistas, na era de Hitler, chamavam judeus e eslavos.

A incorporação do Batalhão Azov – que foi acusado de abusos de direitos humanos, incluindo tortura, pela Human Rights Watch e Nações Unidas – se deu no outono de 2014.

Entre os meios de comunicação ocidentais que em algum momento já chegaram a reportar as credenciais nazistas do Azov, estão New York Times, USA Today, The Daily Beast, The Telegraph e Haaretz.

Em janeiro de 2018, o Azov lançou sua unidade nacional de patrulha de rua Druzhina, cujos membros juraram fidelidade pessoal a Biletsky e se comprometeram a “restaurar a ordem ucraniana” nas ruas.

Golinkin registra ainda que o próprio Azov “orgulhosamente postou um vídeo da

unidade dando as boas-vindas aos representantes da OTAN”.

O escritor observa que o Azov não é a única formação de extrema-direita a obter apoio norte-americano. Em dezembro de 2014, a Anistia Internacional acusou o batalhão Dnipro-1 de crimes de guerra, incluindo ‘usar a fome de civis como método de guerra’ [era a primeira fase da campanha de limpeza étnica contra falantes de russo no Donbass].

O senador John McCain – aliás, um dos incentivadores do golpe de Maidan em pessoa, visitou e elogiou o Dnipro-1. Antes, ele fora pessoalmente à Praça Maidan insuflar à derrubada do governo constitucional e, atuante como poucos, dois anos antes encontrara tempo para se reunir com vários ‘combatentes da liberdade de Obama’ na Síria, um deles, o depois Califa do Estado Islâmico.

Golinkin considera “particularmente preocupante” a campanha de Azov para “transformar a Ucrânia em um centro para a supremacia branca transnacional”. A unidade recrutou neonazistas da Alemanha, Reino Unido, Brasil, Suécia e América.

É dele a informação de que em outubro de 2018 o FBI prendeu quatro supremacistas brancos da Califórnia que teriam recebido treinamento do Azov.

Leia matéria na íntegra em: www.horadopovo.com.br

Macartismo: Metropolitan Opera de Nova Iorque bane soprano russa Anna Netrebko

No mais recente ato de abominável perseguição à cultura russa e seus disseminadores, particularmente os artistas, a mais destacada soprano da atualidade, Anna Netrebko, foi banida do Metropolitan Opera House de Nova Iorque (Met).

Netrebko havia sido contratada para duas temporadas. A primeira iria se iniciar em abril com diversas apresentações da ópera de Giacomo Puccini, Turandot. Também participaria de uma segunda temporada, que teria início em novembro deste ano e se estenderia até meados de 2023, desta vez com a obra de Verdi, Don Carlo.

Peter Gelb, director-geral do Met, disse cinicamente que a ausência da destacada soprano é uma “grande perda artística para o Met e para a ópera”, para depois acrescentar “que é difícil imaginar um cenário no qual ela volte a se apresentar no Met”.

O Met já havia apresentado Netrebko 192 vezes antes do atual banimento. Nessas apresentações, Netrebko cantou em Russo, Italiano e Francês em mais de 15 diferentes óperas incluindo Don Giovanni, de Mozart; Lucia di Lammermoor, Don Pasquale e L’Elisir d’Amore, Donizetti; I Puritani, Bellini; Macbeth, Il Trovatore e Rigoletto, Verdi; Tosca e La bohème, Puccini; Manon, Massenet e Eugene Onegin de Tchaikovsky.

Ela havia se colocado contra a guerra e pela paz entre Rússia e Ucrânia: “Sou russa, amo meu país, mas tenho



Netrebko foi alvo de discriminação por ser artista russa

muitos amigos na Ucrânia e o sofrimento de agora parte meu coração. Quero que esta guerra acabe de forma que as pessoas possam viver em paz”.

Ainda assim, Gelb achou a declaração insuficiente pois não havia uma rejeição direta ou menção a Putin. A cantora, diante das pressões e percebendo o desfecho de rescisão de seu contrato, se antecipou e declarou que suspenderia sua atividade artística neste período.

Diante dessas atitudes violentamente discriminatórias por Gelb e outros diretores de casas de ópera, a cantora acrescentou que “forçar artistas ou qualquer figura pública a verbalizar suas opiniões políticas em público e denunciar sua pátria não está correto. Não sou uma ativista política, não sou especialista em política, sou uma artista e meu propósito é unir as pessoas acima das divisões políticas”.

O “Batalhão Azov” foi constituído três dias após o massacre de 42 antifascistas queimados vivos em Odessa por uma turba de nazistas durante o golpe da praça Maidan

O Batalhão de Azov – o mais notório agrupamento de neonazis ucranianos que opera sob chancela governamental, mas não o único – foi oficialmente constituído em 5 de maio de 2014, portanto três dias depois do massacre de 42 antifascistas em Odessa, queimados vivos, e poucos dias após o “führer” do Setor Direita, Dmytro Yarosh, ter anunciado que as turbas fascistas estavam “cruzando o Dniepr”.

Como denunciou o autor Lev Golinkin, nas páginas da revista norte-americana The Nation, “a Ucrânia pós-Maidan é a única nação do mundo a ter uma formação neonazista [abertamente] em suas forças armadas”.

Uma foto do Batalhão Azov, recepcionando os ‘parças’ da OTAN e, para deixar o ambiente mais íntimo, uma enorme bandeira nazista com a inconfundível suástica, mais o estandarte da OTAN e outro azul-amarelo ucraniano, circulou tanto que praticamente é impossível ignorá-la.

A primeira ‘façanha’ assumida pelo Azov foi esmagar o levante antifascista em Mariupol em junho de 2014, com cerca de 100 mortos em duas semanas na cidade e arredores. A cidade permanece refém dos fascistas até hoje.

A convocação para que as gangues nazistas se alistassem no esforço do regime recém saído de Maidan para afogar em sangue a recusa das ‘regiões’ – o leste e sul do país, os ‘russos étnicos’ – a se submeterem ao golpe de fevereiro, partiu do então ministro golpista do Interior, Arsen Avakov, com um decreto autorizando uma nova força paramilitar de até 12.000 integrantes.

Várias foram as milícias e gangues fascistas que se apresentaram para o serviço. Além do mais conhecido Batalhão Azov, constituído a partir dos ‘Patriotas da Ucrânia’, também o Batalhão Aidar – este conhecido por imitar o Estado Islâmico e decapitar opositores no Donbass, conforme a Anistia Internacional e a revista Newsweek na época. Também a ‘ala jovem’ do partido nazista Svoboda, a C14, e conforme o Jerusalém Post um grupamento conhecido como ‘Centúria’.

Ainda, as gangues Dnipro-1 e Dnipro-2. O Batalhão Aidar posteriormente foi integrado ao 24º batalhão de Assalto do exército ucraniano.

ALISTADOS

Diante do alarido da mídia imperial de que “não há nazistas na Ucrânia, isso é invenção de Putin”, cabe registrar, como assinalou um cientista político ucraniano, Vladimir Kornilov, que o Batalhão Azov “há muito tempo é uma unidade oficial da Guarda Nacional da Ucrânia, que por sua vez faz parte da estrutura do Ministério do Interior”.

Ainda – é ele quem destaca – o Batalhão Azov ostenta oficialmente “como símbolo a suástica estilizada, conhecida no mundo sob o nome de ‘gancho de lobo’ [‘Wolfsangel’] e proibida em vários países europeus”. Aliás, copiada do logo da 2ª Divisão Panzer das Waffen SS.

Relatórios do Escritório do Alto-comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH) e da Anistia Internacional ligaram o Batalhão Azov a crimes de guerra, como saques em massa, estupro, sequestros, tortura e execuções.

O que jamais vexou o presidente Volodymyr Zelensky de prestigiar os eventos da ‘corporação’.

TREINADO PELOS EUA

Note-se, ainda, que a Guarda Nacional foi formada e treinada pelos EUA. Por um curto período, chegou a haver uma proibição, mas desde 2016 o Pentágono voltou a adestrar o Azov.

Andriy Biletskyi, o líder de gangue que se tornou comandante do Azov, escreveu certa vez que a missão da Ucrânia é “liderar as Raças Brancas do mundo numa cruzada final contra os Untermenschen

[Subumanos, termo nazista] liderados pelos semitas”.

Em agosto de 2014 – depois dos pogroms contra russos étnicos no Donbass – ele foi condecorado com a ‘Ordem da Coragem’ e promovido a tenente-coronel da Guarda Nacional. Foi cofundador de dois grupos políticos neonazis, o Patriota da Ucrânia e a Assembleia Social Nacional.

Em janeiro de 2018, o Azov lançou sua unidade nacional de patrulha de rua Druzhina, cujos membros juraram fidelidade pessoal a Biletsky e se comprometeram a “restaurar a ordem ucraniana” nas ruas.

A Druzhina, vinculada à Guarda Nacional, e o C14, que recebe financiamento do governo de Kiev para ‘programas educacionais’, desencadearam uma onda de pogroms contra a população cigana, atacando mulheres e crianças e arrasando acampamentos, que registraram em vídeos exibidos ‘orgulhosamente’ nas mídias sociais.

O Batalhão Azov também se tornou um imã para neonazistas do mundo inteiro, em busca de expertise. O que era feito na perspectiva de tornar a Ucrânia em um “centro para a supremacia branca transnacional”. A gangue recrutou neonazistas da Alemanha, Reino Unido, Brasil, Suécia e Estados Unidos.

Segundo Golinkin, o FBI prendeu em outubro de 2018 quatro supremacistas brancos da Califórnia que receberam treinamento do Azov.

Nesse quem é quem dos neonazistas ucranianos, há que se registrar os patronos do Batalhão Azov, o bilionário Igor Kolomoyski e o ex-presidente do parlamento, Andriy Parubiy, cofundador do Svoboda e dos ‘Patriotas’, que agora se considera um “moderado” mas tem orgulho de ter “marchado” com a suástica estilizada usada pelo Azov.

“GLÓRIA AOS HERÓIS”

A outra face dessa oficialização do nazismo pelo regime no poder em Kiev é a glorificação dos colaboracionistas.

Em 2015, o parlamento ucraniano aprovou uma legislação tornando dois grupos paramilitares da Segunda Guerra Mundial – a Organização dos Nacionalistas Ucranianos (OUN) e o Exército Insurgente Ucraniano (UPA) – “heróis da Ucrânia”, e tornou crime negar seu heroísmo.

A OUN colaborou com os nazistas alemães e participou do Holocausto e do assassinato de soviéticos, enquanto a UPA massacrava milhares de judeus e mais de 70 mil poloneses por conta própria.

Essa ‘Nova Ucrânia’, destinada ser o trampolim da OTAN contra a Rússia e seu povo, tornou os chefes de pogrom e colaboracionistas Stepan Bandera e Roman Shukhevych em “patriarcas” do país. Reabilitaram até mesmo a SS Galichina, uma divisão ucraniana da legião nazista Waffen-SS, enquanto as marchas de tochas voltaram a assombrar as ruas ucranianas.

“F*** EUROPEAN UNION”

Acontecimentos para os quais os setores mais apodrecidos do establishment norte-americano trabalharam incansavelmente, a ponto de então subsecretária do Departamento de Estado Victoria Nuland (e agora conselheira de Segurança Nacional) e o senador republicano John McCain terem estado em pessoa na Praça Maidan, para assegurar o sucesso do golpe, no qual esteve envolvido o próprio Joe Biden, então vice de Obama. Nuland passou à história com o vazamento de seu telefone ao então embaixador em Kiev, em que nomeava “Yats” – um político ligado aos oligarcas ladrões que estavam metidos no golpe – como primeiro-ministro, e seu acintoso comentário “F*** the UE” [Foda-se a União Europeia], quando a indicação preferida pelos alemães para dirigir a Ucrânia pós-golpe foi preterida em favor da imposta por Washington.

Negociador de paz ucraniano é morto a tiros pelo serviço secreto de Kiev



Lavrov, chanceler da Rússia (Divulgação)

“Washington repete Hitler e Napoleão e submete a Europa”, denuncia Lavrov

Washington conseguiu fazer o que ditadores do passado e conquistadores da Europa tentaram e falharam, disse o ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergey Lavrov. Ele disse isso ao apontar a capacidade dos EUA de dobrar as políticas dos governos europeus à sua vontade no caso das sanções impostas à Rússia.

“Eu não posso deixar de fazer essas comparações. No passado, Napoleão e Hitler tinham o objetivo de subjugar a Europa. Agora os americanos fizeram isso”, comentou.

Como exemplo de como Washington está a decidir “o que é melhor” para a Europa, Lavrov mencionou a longa campanha americana para torpedear o gasoduto Nord Stream 2. Berlim suspendeu a certificação do projeto completo como parte das sanções exigidas pelos EUA.

Washington vinha tentando parar o projeto há anos, alegando que prejudicava a segurança energética europeia e sugerindo que as entregas de gás natural liquefeito americano eram uma opção mais preferível, apesar de seu maior preço, apontou o ministro russo. “A União Europeia mostrou seu lugar. A história do Nord Stream 2 mostrou perfeitamente o lugar real que a UE tem no cenário mundial”, afirmou Lavrov.

Lavrov falava em meio à pior escalada de tensões entre a Rússia e as potências imperialistas que o mundo viu em décadas. Moscou lançou uma ofensiva contra a Ucrânia na semana passada, chamando-a de um passo necessário para desnazificar e desmilitarizar o país e expulsar a OTAN de seu vizinho para garantir a segurança nacional russa.

Os EUA e seus aliados chamaram a invasão de um ato de agressão não provocado e impuseram duras sanções, que visam incapacitar a economia russa. Os europeus devem pagar um preço pelas sanções, com o aumento dos custos de energia elevando a inflação, preveem as autoridades da UE.

O principal diplomata russo comentou que a narrativa ocidental sobre o conflito se assemelhava a um filme de Hollywood sobre uma batalha épica do bem absoluto versus o mal absoluto, com a parte do bem “encarnado no personagem, que também é o roteirista”.

Blindado que atropelou carro em Kiev é ucraniano e não russo como diz mídia dos EUA

O veículo blindado que aparece atropelando um carro nas ruas de Kiev, identificado como russo nas redes sociais, é, na verdade, ucraniano. Um vídeo que circulou amplamente e foi divulgado por vários programas “informativos” de televisão dizia que um tanque russo havia passado por cima do carro na capital da Ucrânia.

No entanto, o correspondente de guerra, Elijah J Magnier, que tem uma longa experiência em cobertura de conflitos no Irã, no Líbano, na Síria e outros países, assinalou se tratar de um blindado Estrela 10 ucraniano. “E o motorista não estava prestando atenção, então passou por cima de um carro que vinha do outro lado”, relatou.

O correspondente realizou várias publicações comentando o conflito e respondeu a um internauta, que havia mostrado o vídeo. “Ainda não há tanques russos nas ruas de Kiev. O motorista do carro sobreviveu ao acidente. Cuidado com as informações (falsas) nas redes sociais”, escreveu.

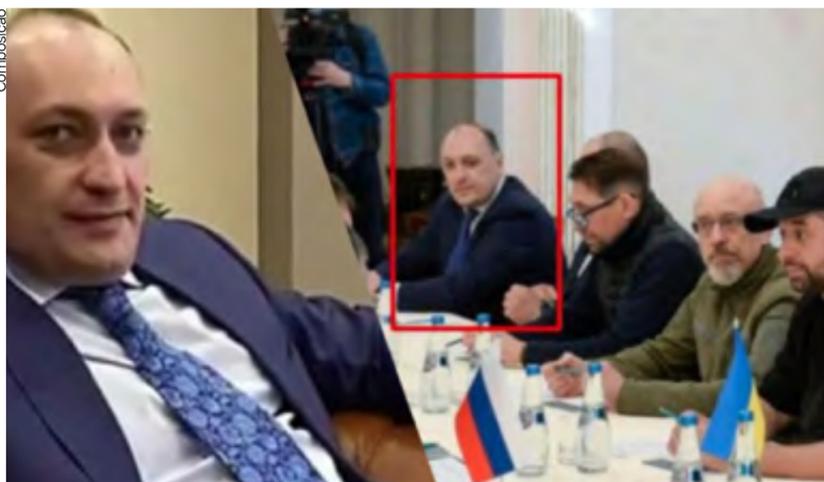
Os vídeos, que foram filmados por vários ângulos, de apartamentos diferentes nas imediações, mostram o blindado atravessando a rua na direção oposta de um carro comum. Repentinamente, ele

desviava à esquerda e passa por cima do carro, que se aproximava de uma bifurcação na pista.

O blindado simplesmente vai embora, numa ação que parece ter sido intencional. Depois, a imagem corta para um grupo de homens retirando um idoso que estava preso nas ferragens do veículo. Pelas imagens, ele estava vivo e sem ferimentos aparentes, num evento que foi descrito como “milagre”.

A maioria dos meios de comunicação chamou o veículo de “tanque”. Mas, não é. Produzido pela União Soviética a partir de 1979, a Estrela-10 é uma bateria antiaérea blindada e autopropulsada, com mísseis guiados por raios infravermelhos. Continua a ser fabricada pela Rússia, mas a Ucrânia também conta com um arsenal herdado dos tempos soviéticos, fato que pode ter causado a possibilidade de veículos de comunicação usarem o episódio para culpar os militares russos.

E como um tanque ucraniano teria atropelado um civil? Pois é. Veículos locais tratam o caso como acidente. O idoso não teria visto a mudança repentina de trajetória do blindado e “entrou” na frente dele, gerando o acidente.



Negociador ucraniano Denis Kireev executado nas ruas de Kiev (na composição e durante a primeira rodada de negociações, compoendo a delegação da Ucrânia)

Milhares de sérvios apoiam em Belgrado socorro da Rússia ao Donbass antifascista

Milhares de sérvios se manifestaram na sexta-feira (4) em Belgrado, a capital europeia que a OTAN bombardeou por 78 dias há 23 anos, para expressar seu apoio à Rússia e sua operação de socorro ao Donbass e de desnazificação e desmilitarização da Ucrânia.

Empunhando bandeiras sérvias, russas e bielorrussas, os manifestantes bradavam que esses povos “são irmãos para sempre”.

Havia, também, cartazes com a letra “Z”, que tem

aparecido em fotos e vídeos marcando veículos usados pelas tropas russas na Ucrânia.

A ação russa está “libertando o mundo inteiro das ameaças da OTAN”, afirmou um dos oradores, Mladen Obradovic.

O apoio se explica: além da tradicional amizade entre povos eslavos, a Sérvia foi alvo da agressão da OTAN em 1999, no processo de esvaziamento da Iugoslávia, em que mais

de cinco mil civis foram mortos.

A manifestação também repudiou a atitude do governo de Aleksandar Vucic que, sob pressão de Washington e Bruxelas, sequer se absteve, quando a abstenção de 35 países, inclusive China, Índia, África do Sul e Emirados Árabes, mostrou que existe a possibilidade de não se alinhar aos EUA. O protesto exigiu de Vucic que cumpra sua promessa de não aderir às sanções.

Atendendo ao pedido de socorro das repúblicas do Donbass recém reconhecidas, a Rússia iniciou uma operação de “desnazificação” e “desmilitarização” da Ucrânia em 24 de fevereiro, após o regime instaurado em Kiev por um golpe de Estado ter sabotado durante oito anos o cumprimento dos Acordos de Minsk, ter reiterado a intenção de entrar na Otan passando por cima do status de neutralidade e ter explicitado a pretensão de desenvolver armas nucleares, ostensivamente voltadas contra a Rússia.



Multidão em Belgrado apoia iniciativa da Rússia para deter entrada da Otan na Ucrânia (foto extraída de vídeo)

Provocação na usina nuclear visava fazer Otan impor exclusão aérea, diz ex-premiê ucraniano

O presidente ucraniano Volodymyr Zelensky queria usar um incêndio na usina nuclear de Zaporozhnia para fazer o Ocidente impor uma zona de exclusão aérea sobre o país, disse no sábado (5) o ex-primeiro-ministro ucraniano Nikolay Azarov, que serviu no governo deposto pelo golpe de 2014, Viktor Yanukovich.

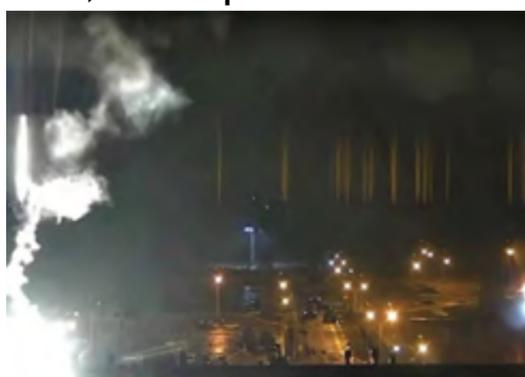
O ex-premiê descreveu o incidente como uma “provocação deliberada” que foi cuidadosamente planejada.

“Nenhum militar russo ou ucraniano em sã consciência ousaria colocar em risco uma das maiores usinas nucleares da Europa, que tem seis reatores”, disse o ex-primeiro-ministro ucraniano.

Azarov então apontou para a reação do presidente Zelensky à notícia – um pedido ao Ocidente para introduzir uma zona de exclusão aérea sobre a Ucrânia. “O incêndio ocorreu à noite e ele imediatamente se dirigiu aos Estados Unidos e à Grã-Bretanha. Isso mostra que foi uma provocação planejada”, disse. Zelensky chegou a postar nas redes sociais que temia uma explosão que seria “o fim para todos. O fim para a Europa. A evacuação da Europa.”

Asseverou, ainda, que a Rússia queria tomar de volta o leste europeu, “até o muro de Berlim”. Na sexta-feira, o secretário-geral Jens Stoltenberg anunciou que a OTAN rejeitou a exigência de Zelensky. “A questão foi discutida e os Aliados concordaram que não deveríamos ter aviões da OTAN operando no espaço aéreo ucraniano ou tropas da NATO no solo porque poderíamos acabar com uma guerra total na Europa.”

Ele acrescentou que “a única forma de implementar uma zona de interdição de voo seria enviando caças da OTAN para o espaço aéreo da Ucrânia e, em seguida, abater aviões russos



Ataque a usina nuclear da Ucrânia foi “provocação monstruosa”, afirma o Ministério da Defesa da Rússia para o fazer respeitar”.

A reação contrariada de Zelensky ao anúncio foi dizer que quem morrer agora na Ucrânia “morrerá pela fraqueza e falta de unidade” da OTAN.

No sábado, o presidente Vladimir Putin sublinhou que a Rússia considerará “co-beligerante qualquer país que tente impor uma zona de exclusão aérea sobre a Ucrânia.”

“Consideraremos qualquer desenvolvimento nessa direção como uma participação no conflito armado de qualquer país em cujo território seja criada uma ameaça para nossos soldados”, disse Putin.

A declaração de Azarov ecoa a do Ministério da Defesa russo. Na sexta-feira, o major-general Igor Konashenkov disse que um grupo de oficiais da Guarda Nacional Russa foi atacado por sabotadores ucranianos enquanto patrulhava o território da central nuclear de Zaporozhnia. Os militares russos repeliram o ataque, mas quando os sabotadores estavam saindo, incendiaram um prédio anexo, disse Konashenkov.

O ex-banqueiro Denis Kireev “foi executado com um tiro na cabeça” perto de um tribunal na capital Kiev, relatou Anatoly Sharij, jornalista e político ucraniano

Notícias vindas da Ucrânia informam que um ex-banqueiro, Denis Kireev, que fez parte da delegação de Kiev à primeira reunião Rússia-Ucrânia, foi executado em uma incursão dos serviços secretos ucranianos.

Informações do jornal Ukrayinska Pravda, citando fontes anônimas, diziam que os agentes do serviço secreto ucraniano (SBU) tinham evidências “claras” de alta traição e grampearam o telefone dele.

A primeira alegação sobre a morte de Kireev veio de Aleksandr Dubinsky, um polêmico parlamentar e jornalista. Pelas redes sociais, ele disse que Kireev havia sido morto por agentes do SBU, durante uma tentativa de prendê-lo.

A afirmação foi posteriormente confirmada por dois meios de comunicação, Ukraina.ua e Obozrevatel, que citaram suas próprias fontes anônimas.

O primeiro publicou uma foto parcialmente borrada do que dizia ser o corpo do homem. A imagem mostrava alguém deitado na calçada de brucos com o que parecia ser sangue em seu rosto e se acumulando sob a cabeça.

Uma descrição ainda mais dramática do que teria acontecido foi publicada por Anatoly Sharij,

um político e jornalista ucraniano. Ele alegou que Kireev “foi executado com um tiro na cabeça” perto de um tribunal em Kiev.

Kireev foi fotografado sentado ao lado de outros negociadores à mesa com os russos. Ele foi descrito como um ex-financeiro e gestor de fundos de private equity, que no passado ocupou um cargo de alto nível no State Savings Bank of Ukraine.

Como pano de fundo, há informações sobre confusão nas hostes ucranianas e, depois, que foi instaurada a versão local das “volkssturm” [‘tormenta do povo’], e devidamente “panfleteadas” com armas: qualquer um corre risco de ser mal interpretado, esbarrar com um desafeto, ou simplesmente estar no lugar errado na hora errada.

A informação inicial de que Kireev seria um “agente russo” foi afinal contradiada pela própria diretoria-chefe de Inteligência de Kiev. Ela asseverou que Kireev estava entre os três agentes em uma operação de batida “mortos protegendo a Ucrânia”. A pergunta que fica é: o que um ex-banqueiro, destacado a participar de uma delegação oficial em tempo de guerra, estaria fazendo numa ação desse tipo?



Kiev prende líderes do Comitê Antifascista da Ucrânia alegando serem ‘espiões russos’

Agentes do serviço secreto da Ucrânia (SBU) prenderam neste domingo (6) o primeiro secretário da União da Juventude Comunista Leninista (UJCLU) do país, Mikhail Konovich, e seu irmão Aleksander, membros ativos do Comitê Antifascista, acusados de serem “espiões russos e bielorrussos”.

Frente ao risco do que pode ocorrer nas próximas horas, a Federação Mundial das Juventudes Democráticas (FMJD), “chama as suas organizações membros e aos jovens e povos de todo o mundo a denunciarem esta situação, exigir sua liberdade e a protestar contra o regime neofascista ucraniano para que mediante esta pressão consigamos deter seu assassinato”.

Os temores de um possível assassinato têm inúmeras razões, alertam. No último domingo foi informado que os agentes do SBU haviam executado o banqueiro Denis Kireev, membro da equipe de negociação ucraniana, após ter participado da primeira roda de conversações. Segundo o serviço secreto, existiam evidências “claras” de alta traição e foi morto.

No começo da semana passada, Vlodymyr Struk, prefeito da cidade de Kremnina foi abatido com um tiro no coração, logo após ser sequestrado de sua casa. Um pouco antes de ser fuzilado, o prefeito foi acusado de “traidor” e julgado por um suposto tribunal “popular” – pró-EUA. Conforme publicou no Twitter o ministro do Interior da Ucrânia, Anton Gerashchenko, “foi um traidor a menos”.

Como integrantes do Comitê Antifascista da Ucrânia, Mikhail e Aleksander participaram de protesto da UJCLU em frente à embaixada dos Estados Unidos na capital, Kiev, no dia 16

de fevereiro, condenando a submissão do presidente Volodymyr Zelensky ao expansionismo imperialista. Na oportunidade já haviam sido agredidos e capturados por neonazistas dos grupos C14 e Corpo Nacional.

De acordo com o SSU, os irmãos Kononovich foram colocados atrás das grades em Kiev por serem propagandistas da Rússia e da Bielorrússia, e agirem para desestabilizar a situação interna da Ucrânia, criando um “cenário de informações necessárias” para o inimigo.

Após o golpe de Estado ocorrido em 2014 na Ucrânia, as forças progressistas vêm sendo alvo de todo tipo de perseguição e abatidos por grupos neonazistas, que contam inclusive com uma representação especial no Exército. O Batalhão de Azov – o mais notório destes agrupamentos que opera sob chancela governamental, mas não o único – foi oficialmente constituído em 5 de maio daquele ano. Portanto, somente três dias depois do massacre de 42 antifascistas em Odessa, queimados vivos, e poucos dias após o “führer” do Setor Direita, Dmytro Yarosh, ter anunciado que as turbas fascistas estavam “cruzando o Dniepr”.

Em 2015, uma legislação “descomunizadora” foi aplicada pelo governo para banir os símbolos comunistas. Com base nessa orientação, a partir de 2019, a comissão eleitoral barrou o Partido Comunista da Ucrânia (PCU) de ir às urnas.

Membro da FMJD, a organização comunista realizou recentemente a campanha “Komsomol pela Paz!”, pressionando para que a Ucrânia corte relações com a Otan. A entidade também se somou à luta pela liberdade do jornalista Julian Assange.

André Lara Resende: A camisa de força ideológica da macroeconomia - (4)

Continuação da edição anterior

A combinação de hipertrofia financeira, concentração de riqueza e persistência de uma parcela expressiva da população abaixo da linha de pobreza, mesmo nos países mais avançados, deixa claro que há algo errado na gestão das economias capitalistas contemporâneas

ANDRÉ LARA RESENDE

10. OS LIMITES DA TAXA DE JUROS E A SUSTENTABILIDADE DA DÍVIDA

Existe uma infinidade de taxas de juros que refletem os riscos associados à infinidade de contratos de crédito existentes na economia, mas a taxa, ou a estrutura a termo de taxas, que serve de referência para todas elas é a taxa da dívida pública, a taxa de juros, num país com sua moeda fiduciária, sem risco de crédito. Esta é a taxa de juros à qual se refere toda a macroeconomia e é determinada pelo banco central. Não é determinada no mercado, não depende do equilíbrio entre poupança e investimento, nem da oferta e da demanda por fundos “emprestáveis”. Não depende porque o Estado, através do banco central, determina a taxa de juros e garante que a oferta de fundos “emprestáveis” será a que for demandada a esta taxa. Só assim o banco central pode fixar a taxa de juros. Dito na linguagem técnica: a taxa de juros é o instrumento de política do banco central, portanto, uma variável exógena, não determinada endogenamente pelas forças do mercado. A variável endógena, que resulta das forças de mercado, é o crédito demandado pelo sistema e garantido pelo banco central à taxa de juros por ele determinada.

O controle da taxa de juros pelo banco central tem implicações da maior importância para a política macroeconômica. Nos últimos anos, sobretudo depois da crise financeira de 2008 e agora da Covid, o rápido crescimento da dívida pública em todo o mundo levou alguns dos expoentes da macroeconomia convencional a reavaliar o papel e a sustentabilidade do endividamento público⁽⁶⁾. A reavaliação foi feita a partir da constatação de que se a taxa de juros da dívida é menor do que a taxa de crescimento da economia, a relação dívida/PIB não terá uma trajetória explosiva. Ainda que haja períodos nos quais a dívida venha a crescer substancialmente, como ocorreu com as crises financeira de 2008 e da Covid, se a taxa de juros for inferior ao crescimento da economia, a relação dívida/PIB voltará a cair.

O debate tem dado margem para muita controvérsia e a mais álgebra do que o necessário, mas o resultado é trivial: se a taxa de juros for inferior à taxa de crescimento, a dívida irá crescer menos do que a economia. Grande parte da discussão gira em torno de saber se as taxas de juros, que hoje são muito baixas, claramente inferiores ao crescimento, ainda que medíocre, das economias, irão continuar baixas. Quem sustenta que o endividamento é indesejável e perigoso argumenta que os juros voltarão a subir e os países muito endividados serão pegos no contrapé. Ora, a incerteza sobre o custo da dívida pressupõe que a taxa de juros, como sustentava a macroeconomia convencional do século passado, esteja fora do controle do banco central. Sabe-se, hoje, que a taxa de juros é um instrumento do banco central. Basta que as autoridades monetárias

se comprometam a não fixar a taxa de juros acima da taxa de crescimento, para garantir que a relação entre a dívida e o produto interno irá eventualmente se reduzir.

Comprometer-se com uma taxa de juros abaixo da taxa de crescimento não significa que o banco central não possa, transitoriamente, elevar os juros acima do crescimento para evitar o sobreaquecimento da economia. Basta que a taxa média ao longo de tempo não exceda o crescimento. Sabe-se também que a taxa de juros, por si só, é um instrumento menos poderoso do que se imaginava para desaquecer a economia e controlar a inflação. Tem-se consciência de que a política de juros precisa ser coordenada com a política fiscal, sob pena de ser inócua ou mesmo contraproducente. A alta dos juros agrava o desequilíbrio fiscal, como reconhece a própria macro convencional, é distributivamente regressiva e pode elevar as expectativas de inflação, como sustenta a conjectura Neo-Fisheriana⁽⁹⁾. Como veremos mais à frente, há razões para crer que a alta dos juros, independentemente do efeito sobre as expectativas, eleve também a própria inflação.

O fato de que a taxa de juros é um instrumento do banco central não significa que não haja limites para a sua fixação. Se fixada acima da taxa de crescimento, por um período longo de tempo, irá provocar desequilíbrio fiscal, concentrar a renda e dar à dívida pública uma trajetória insustentável. Se fixada, por um período prolongado, muito abaixo da taxa de crescimento, irá provocar inflação de ativos e desequilíbrio no balanço de pagamentos, pois a inflação de ativos tende a ser seguida por uma crise financeira com fuga de capitais. Existem limites e diretrizes para a política de juros do banco central, mas a melhor compreensão desses limites, assim como de suas possibilidades, exige que se descarte a velha concepção de que a taxa de juros é determinada pelo mercado e não pelo banco central. É preciso um novo arcabouço teórico que reconheça o que, há décadas, se sabe na prática: a taxa de juros é uma variável de política do banco central. É uma variável de política pública com implicações que transcendem as reconhecidas pela macroeconomia convencional.

11. A INFLAÇÃO E A TAXA DE JUROS

Se a moeda é endógena e a Curva de Phillips desapareceu, o que determina a inflação? A macroeconomia convencional não tem ideia, transferiu a responsabilidade para o campo da psicologia coletiva: seriam as expectativas. A verdade é que a teoria econômica nunca teve explicação para o que determina o nível de preços. O modelo canônico de equilíbrio geral de Walras/Arrow/Debreu determina preços relativos num mercado competitivo instantâneo, mas não tem explicação para o que Walras chamou de o



“numéraire”, o preço absoluto que fixa toda a estrutura de preços relativos⁽¹⁰⁾. A tese de que a moeda é um monopólio do Estado, retomada pelo Cartalismo de Georg F. Knapp, no início do século XX, dá a resposta para a determinação do nível de preços, que falta ao modelo de equilíbrio geral.

Como vimos, a moeda é uma unidade de dívida pública, legalmente aceita para o pagamento de impostos e demais obrigações contra o Estado, que passa a ser a unidade de conta da economia⁽¹¹⁾. Como todo monopolista, o Estado fixa o preço de seu produto, nesse caso o preço da moeda em relação à cesta de bens e serviços da economia, que vem a ser justamente o nível de preços. A forma pela qual o Estado fixa o preço da moeda é ao determinar quanto paga pelo que adquire. Se o Estado comprasse toda a cesta de bens e serviços existente na economia, estaria determinado inexoravelmente o nível de preços, mas como o Estado só adquire um subconjunto dos bens e serviços produzidos, o nível de preços é fixado por este subconjunto, sobretudo pelos preços pagos pelos produtos e serviços que são utilizados na produção de um grande número de outros bens e serviços. O preço da energia, o salário mínimo e a taxa de câmbio são exemplos de preços onde o valor pago pelo Estado ancora o nível de preços. Servem de referências a partir das quais o mercado determina toda a estrutura de preços relativos.

O fato de que o Estado seja monopolista da moeda e que tenha o poder de ancorar o nível absoluto de preços, através do que decide institucionalmente pagar pelo que adquire, não impede que haja expressivas variações dos preços relativos. Altas expressivas de alguns preços, sobretudo, mas não exclusivamente, dos preços sinalizadores pagos pelo Estado, são refletidas no nível de preços.

Dada a inflexibilidade para baixo dos salários, o ajuste dos preços relativos tende a ser feito através da alta de alguns preços, enquanto outros são mantidos constantes. O resultado é uma alta no nível de preços. Essa alta do nível geral de preços, medida por um dos índices utilizados para indicar a sua variação, é comumente chamada de taxa de inflação. É uma medida do aumento ocorrido nos preços até o momento. É, portanto, a alta dos preços observada pelo retrovisor. Uma definição mais rigorosa de inflação é o aumento contínuo da estrutura

a termo dos preços, é a alta dos preços futuros em relação aos preços hoje. A inflação corrente é o prêmio sobre os preços de hoje que deve pagar quem deseja comprar a cesta de bens e serviços hoje, para pagamento em algum momento no futuro.

Assim definida, como a estrutura temporal dos preços, do presente até um ponto futuro no tempo, fica claro que a inflação pode ser entendida como a taxa própria de juros, “the own rate of interest”, da cesta de bens e serviços na economia, isto é, o prêmio percentual em termos da cesta de bens e serviços que deve ser pago para entrega hoje e devolução da mesma cesta de bens a prazo. Dito de outra forma, a inflação é o deságio no valor da moeda entre hoje e uma data futura de pagamento.

Assim como o nível de preços é determinado pelo emissor monopolista da moeda, o deságio do valor da moeda no tempo é determinado pelo banco central. É determinado pelo que o braço financeiro do Estado, o banco central, fixa como desconto da moeda futura em relação à moeda hoje, isto é, a taxa de juros. Ao fixar a estrutura a termo da taxa de juros, a curva de juros, que tem efetivamente o poder de fixar, o banco central estará determinando a estrutura a termo do valor da moeda, logo, a estrutura temporal dos preços, ou seja, a inflação. Ao contrário do que supõe a teoria convencional hegemônica, a inflação não é negativamente correlacionada com a taxa de juros. Ao elevar a taxa de juros para conter a demanda e, supostamente, reduzir a inflação, o banco central está na realidade definindo uma inflação mais alta. Essa é também a conclusão de John Cochrane, que por caminhos muito diferentes, a partir do modelo macro convencional de equilíbrio geral dinâmico estocástico, DSGE, formula a tese, ou a conjectura, neofisheriana, em homenagem a Irwin Fisher, de que a taxa de juros está positivamente correlacionada com a inflação⁽¹²⁾.

12. CONCLUSÃO: REPENSAR A GOVERNANÇA

É imperativo repensar a governança do Estado e o desenho das restrições institucionais ao seu poder financeiro e da forma como o delega ao sistema bancário. Sem restrições institucionais, o Estado tem a capacidade ilimitada de dar crédito e de criar poder aquisitivo. Tem adicionalmente a capacidade de determinar a

taxa de juros. Controla, assim, tanto a criação de ativos e passivos financeiros da sociedade, como a taxa de transferência no tempo destes ativos e passivos, ou seja, o preço da transferência de riqueza no tempo. O poder econômico do Estado, numa sociedade moderna onde a moeda é fiduciária, se não for restringido e institucionalmente regulado, é efetivamente avassalador. Compreende-se que o liberalismo econômico distorça a realidade para lhe impor limites supostamente naturais, mas, curiosamente, se recusa a reconhecer que o sistema bancário também cria poder aquisitivo, insiste em sustentar que é mero intermediário de agentes superavitários para deficitários.

A verdadeira responsabilidade fiscal e monetária consiste em assegurar que a contabilidade financeira da economia seja pautada pelos valores, no sentido de crenças e princípios, da sociedade. A contabilidade financeira deve procurar recompensar a produtividade e promover o bem estar coletivo. Assim como não pode ser desvirtuada para atender a interesses ilegítimos dos ocupantes do Estado e corporativistas de setores que procuram capturá-lo, não pode também ser integralmente delegada ao sistema financeiro com acesso ao banco central. O volume e o direcionamento do crédito é instrumento poderoso, muito mais poderoso do que a taxa básica de juros, hoje, o principal instrumento de política monetária.

O mito propalado pela teoria macroeconômica convencional de que a oferta de fundos para investimento só pode vir da renda não consumida, da poupança, e que a taxa de juros equilibra poupança e investimento, decorre da incapacidade de compreender corretamente a origem estatal do crédito. O Estado tem a capacidade de controlar tanto a expansão e o direcionamento do crédito, quanto a taxa de juros. Com base no arcabouço conceitual da macroeconomia convencional, desde a criação do sistema financeiro moderno no século XVII, delega a expansão e o direcionamento do crédito para o sistema bancário e, atualmente, limita-se a determinar a taxa básica de juros, com base na teoricamente questionável e empiricamente duvidosa relação inversa entre juros e inflação.

A combinação de hipertrofia financeira, concentração de riqueza e persistência de uma parcela expressiva da população abaixo da linha de pobreza, mesmo nos países mais avançados, deixa claro que há algo



Sede do Banco Central em Brasília - Foto: Agência Brasil

errado na gestão das economias capitalistas contemporâneas. A opção por restringir a ação do Estado, obrigando-o a se financiar integralmente através de receitas tributárias, enquanto a expansão do crédito para o setor financeiro fica irrestrita, é muito provavelmente a principal razão deste estado das coisas.

Por um lado, a restrição indiscriminada ao poder financeiro do Estado limita a sua capacidade de criar poder aquisitivo para explorar as potencialidades da sociedade através do investimento em áreas críticas, como educação, saúde, infraestrutura, pesquisa e tecnologia e o meio ambiente. Por outro lado, a completa delegação da expansão do crédito para o sistema bancário provoca ciclos recorrentes de euforias, inflação de ativos e crises financeiras que obrigam a intervenção do Estado como empregador de última instância. A intervenção do Estado termina por ratificar a inflação dos ativos financeiros criada pela expansão do crédito bancário às custas da expansão da dívida pública. O liberalismo econômico acusa então o aumento do passivo do Estado de ser a razão da crise e reforça a camisa de força ideológica da necessidade de restringir o seu poder financeiro. É imperativo romper a camisa de força ideológica da macroeconomia convencional para poder repensar e superar as distorções do capitalismo financeiro que ameaça a sua própria sobrevivência.

Referências:

1. Ver Lara Resende, A. op.cit.
2. Ver Lara Resende, A. “Dominância Fiscal e Neofisherianismo”, capt.6 em op.cit
3. Ver Reinhart, C. e Rogoff, K.
4. Hicks, J. “IS-LM: An Explanation” JPKE vol.3, No.2, (1980-1981)
5. Furman, Jason and Summers, “A Reconsideration of Fiscal Policy in an Era of Low Interest Rates”, Peterson Institute for International Economics, Dez.2020
6. Ver Galbraith, James; comentário a Furman, Jason and Summers, op.cit.
7. Minsky, H. P. Stabilizing an Unstable Economy, 2008, McGraw-Hill
8. Ver Furman, J. e Summers, L. “A Reconsideration of Fiscal Policy in an Era of Low Interest Rates” Peterson Institute for International Economics, 1/12/2020, e Lara Resende, A. “Mudança de Paradigma”, Eu& Valor Econômico, 11/12/2020 ; Ver também Eichengreen, B. In Defense of Public Debt (2012) e Blanchard, O. “Fiscal Policy Under Low Interest Rates”, Draft MIT Press (December 2021)
9. Ver Cochrane, J.H. “Michelson-Morley, Occam and Fisher: The Radical Implications of Stable Inflation at Near-Zero Interest Rates”. Hoover Institute, Stanford, Dec. 2016
10. Ver Lara Resende, A.; op.cit.
11. Ver Lara Resende, A; “Consenso e Contrassenso: Déficit, Dívida e Previdência”, em Consenso e Contrassenso (2020)
12. Lara Resende, A. “Dominância Fiscal e Neofisherianismo”, em Juros, Moeda e Ortodoxia, (2017)